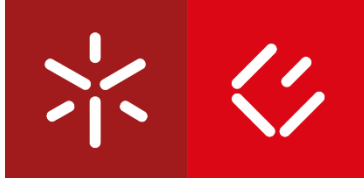


Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

João Francisco Vieira Marques Charréu

**A Revolução Silenciosa de Ronald
Inglehart: quatro décadas de evolução dos
valores materialistas e pós-materialistas**



Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

João Francisco Vieira Marques Charréu

**A Revolução Silenciosa de Ronald
Inglehart: quatro décadas de evolução dos
valores materialistas e pós-materialistas**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Ciência Política

Trabalho efetuado sob a orientação do

**Professor Doutor José Augusto Guterres Barbosa
Colen**

e coorientação da

Professora Doutora Ana Patrícia Costa Fernandes

Julho de 2020

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-Não comercial-Sem Derivações

CC BY-NC-ND <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Desejo agradecer profundamente aos Professores Doutores José Augusto Barbosa Colen e Ana Patrícia Costa Fernandes que, apesar dos seus múltiplos afazeres, aceitaram amavelmente assumir a responsabilidade da orientação do meu trabalho. Estou grato pelas suas valiosas críticas e sugestões, bem como por todo o tempo e dedicação despendidos. Estou agradecido também à Universidade do Minho, aos meus professores e colegas do mestrado pela ajuda e apoio que sempre recebi.

Mas em primeiro lugar queria agradecer meus pais e família e, de modo especial, à Joana Carneiro por todo o apoio e paciência que teve comigo.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A Revolução Silenciosa de Ronald Inglehart: quatro décadas de evolução dos valores materialistas e pós-materialistas

Resumo

O principal objetivo desta tese é o de explorar o modelo de mudança social e de valores que Inglehart apresenta na década de 70 e que é a base de uma das suas obras mais famosas, *The Silent Revolution* (1977). Na realização desta tese pretendemos apresentar e clarificar alguns dos conceitos fulcrais da sua teoria, com enfoque no contraste entre os valores materialistas e pós-materialistas. Um segundo objetivo é o de observar se as mudanças descritas pelo autor se mantêm, se as suas previsões sobre o futuro se cumpriram e perceber qual o significado de tais acontecimentos para a avaliação da teoria.

Inglehart observou uma mudança, principalmente na Europa Ocidental e apresentou um modelo que a explica, modelo este que é baseado em duas hipóteses: 1) os indivíduos possuem diferentes necessidades com diferentes tipos de prioridade e importância. Um dos fatores para estabelecer esta hierarquia de prioridades depende do seu grau de satisfação, ou seja, quando a necessidade é preenchida o seu grau de importância diminui (e o contrário também acontece); 2) os valores de uma geração correspondem às suas prioridades, mas a mudança de valores e prioridades tende a manter-se desde os seus anos de “formação” até à sua vida adulta, pelo que as transformações de valores se dão sobretudo por substituição de gerações.

Neste trabalho de investigação fazemos uma avaliação dos conceitos na base da sua pesquisa empírica, identificamos as suas transformações e tomamos posições nos debates que a teoria suscitou ao longo dos anos.

Palavras chave: Materialismo, Pós-materialismo, Segurança, Tolerância, Valores.

Ronald Inglehart's Silent Revolution: four decades of evolution of materialistic and post-materialistic values

Abstract

The main objective of this thesis is to explore the model of social change and values that Ronald Inglehart presented in the 1970s, based mainly on his most famous work, *The Silent Revolution* (1977). In making this presentation we intend to clarify the fundamental concepts involved in his theory, highlighting the contrast he establishes between materialist and postmaterialist values. A secondary objective is to observe if the changes have prevailed until today, and what they could mean.

Inglehart sees a transformation in political priorities in Western Europe, and he tries to present a model that explains it, based on the following two hypotheses: 1) Individuals have various needs, which are perceived as of more or less importance/priority. One of the factors for this hierarchy of priorities depends on their degree of satisfaction: if the needs are already satisfied, their importance decreases, but in turn the importance of those that are not satisfied increases; 2) the values of a generation correspond to this priority of needs, but instead of changing with the changing situation throughout life, individuals tend to maintain the values since their formative years, even much later in adult life.

This research work is an attempt of evaluation of the evolving concepts that are the base of the empirical program, whose transformations we trace from 1971 to 2018, presenting the debates and controversies it has generate over almost four decades.

Keywords: Materialism, Post-Materialism, Safety, Tolerance, Values.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Índice de Figuras	ix
Índice de Tabelas	x
Introdução	1
<i>Relevância do fenómeno e da teoria de Inglehart</i>	3
<i>Metodologia</i>	4
<i>Estrutura da tese</i>	5
Capítulo I	7
A revolução de valores no ocidente vista do fim dos anos 70	7
<i>Estrutura do inquérito</i>	9
<i>O modelo básico</i>	11
<i>A evidência empírica</i>	12
<i>Balanço da investigação de 1977</i>	18
Capítulo II	23
Os conceitos materialista/pós-materialista: debates e críticas	23
<i>Dúvidas sobre a profundidade da “revolução”</i>	24
<i>Dúvidas sobre o impacto no sistema político: o que é o poder?</i>	27
<i>Balanço</i>	29
Capítulo III	30
Valores individuais e movimentos políticos: que relação?	30
<i>Classes e alinhamentos políticos</i>	31
<i>As razões ou fontes da mudança de valores</i>	34
<i>Balanço da Hipótese de Inglehart sobre os Mecanismos da Mudança Política</i>	37
Capítulo IV	39
Quarenta anos de evolução dos valores	39
<i>Valores e política</i>	40
<i>Confirmação empírica posterior</i>	41
<i>Efeitos do “ciclo de vida”</i>	44
<i>A controvérsia com Scott Flanagan: é a oposição materialista/pós-materialista relevante?</i>	45

<i>Balanço e problema: Porque persiste a mudança?</i>	47
Capítulo V	49
Os valores na transição do milênio: sobrevivência e expressividade	49
<i>O modelo de Inglehart e a teoria da modernização</i>	52
<i>Balanço e reservas</i>	57
Capítulo VI	58
A evolução dos valores e o <i>backlash</i>	58
<i>Balanço</i>	63
Conclusão	64
BIBLIOGRAFIA	70
ANEXOS	74

Índice de Figuras

Figura 1	12
Figura 2	16
Figura 3	17
Figura 4	36
Figura 5	47
Figura 6	48
Figura 7	58
Figura 8	59
Figura 9	61
Figura 10	62

Índice de Tabelas

Tabela 1	14
Tabela 2	19
Tabela 3	21
Tabela 4	33
Tabela 5	33
Tabela 6	34
Tabela 7	35
Tabela 8	36

Introdução

O tema da presente dissertação é o retorno — ou a permanência — de valores “materialistas” (ou de “segurança”) depois de uma tendência persistente de sucessivas vagas de novas gerações para abraçar novos valores “de expressão individual” (ditos “pós-materialistas”) na Europa e nos EUA.

A evolução de valores no Ocidente é hoje um tópico consagrado na sociologia política, abordado ao longo de várias décadas por diversos sociólogos, pensadores e filósofos políticos. Entre as investigações hoje clássicas não podemos deixar de mencionar as obras de Seymour Martin Lipset (*Political Man* de 1960) e os sucessivos estudos de Gabriel Almond e Sidney Verba sobre a cultura cívica em diversos países (*The Civic Culture* de 1963). Mas os estudos sobre este tema são sobretudo a partir de 1960 e até hoje incontáveis e não tentaremos aqui traçar um panorama, mesmo que rápido, da literatura.

Vamos antes focar este estudo num dos primeiros pensadores que se dedicou ao fenómeno de modo sistemático e o tentou quantificar e explicar: Ronald Inglehart. O fenómeno da mudança de valores foi objeto de um primeiro artigo, datado de 1971, intitulado *The Silent Revolution*, pouco posterior aos estudos pioneiros que referimos.

A decisão de estudar a obra deste autor em concreto deve-se não só ao facto de ser dos primeiros autores a escrever e a enquadrar o fenómeno numa perspetiva diacrónica, com uma bibliografia e um conjunto de dados que não é exagero considerar colossal, mas também ao facto de o autor ter acompanhado ao longo da sua vida académica este fenómeno de modo quase contínuo, desde o pós guerra aos tempos atuais — não se coibindo de referir e tentar explicar hoje a ascensão de Trump nos EUA ou os fenómenos nacionalistas na Europa, entre os quais ele destaca com certo pessimismo o Brexit.

A teoria que Inglehart esboçou há cerca de cinquenta anos é ainda a base de uma obra sua muito mais recente, de 2018, *Cultural Evolution: People's Motivations Are Changing, and Reshaping the World*, que nos parece crucial para entender o retorno ou a constância de valores associados à “segurança” material ,

depois de décadas do que parecia uma tendência inelutável em direção a valores mais “expressivistas”. Crucial porque não só consolida as posições tomadas na sua primeira obra, mas também porque aplica as suas teses à situação atual – com especial atenção à situação americana. Dada a aparente inversão da tendência que estudou e teorizou, a sua reflexão mais recente é um teste à própria teoria, que, como veremos, sofreu importantes alterações conceptuais.

Para resumir muito, segundo o modelo proposto pelo autor, os valores e comportamentos das pessoas são moldados em função do grau em que a sua segurança é tomada como certa alterando-se substancialmente a partir do momento em que o nível de mera sobrevivência está assegurado. Aumenta a partir de então a abertura à mudança e há uma tendência para uma maior aceitação de novas ideias.

Os valores sociais e as prioridades humanas atuais, segundo esta teoria, foram-se alterando como resultado de um aumento da segurança existencial. A aparente inversão da situação a que hoje assistimos explica-se porque, nas últimas décadas, houve uma perceção da diminuição desse grau de segurança, o que fez com que se desse o que o autor chama de “reflexo autoritário”.

Como Inglehart afirma no seu livro mais recente, a reação atual contra a mudança e a evolução de valores que parece essencial ao desenvolvimento das democracias a que assistimos¹ explica-se porque, “até certo ponto, o pós-materialismo foi o seu próprio “coveiro”. Desde o início, o surgimento de mudanças culturais radicais provocou uma reação entre os estratos mais antigos e menos seguros, que se sentiram ameaçados pela erosão dos valores familiares”.²

¹ Inglehart, R. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World*. Cambridge: Cambridge University Press (173): “Ser capaz de assumir a sobrevivência como garantida torna as pessoas mais abertas a novas ideias e mais tolerantes para com grupos externos. A insegurança tem o efeito oposto, incentivando um reflexo autoritário no qual as pessoas se posicionam atrás de fortes líderes, havendo uma grande solidariedade de grupo, uma conformidade rígida às normas e rejeição de pessoas de fora.”

² É assim que Inglehart explica o recente *backlash*: “Consequentemente, Ignanzi descreveu o surgimento de partidos de extrema direita na Europa como uma “Contrarrevolução Silenciosa”. Uma reação materialista contra essas mudanças culturais levou ao surgimento de partidos xenófobos como a Frente Nacional da França”. (Ibid, 175).

Relevância do fenómeno e da teoria de Inglehart

A escolha deste fenómeno social e político – e em particular deste autor – parece mais que justificada pelo inquestionável interesse da evolução recente, quer no Ocidente Europeu, quer no Leste, que tem levado a uma renovada atenção ao estado-nação (o chamado “nativismo”) e, por vezes, levado significativas franjas da população a apoiar partidos e ideias quási-autoritárias.

Este projeto de investigação procura, portanto, examinar uma importante formulação teórica que parecia ter grande poder explicativo sobre a mudança de valores no Ocidente, mas que, em geral, ignorou ou tomou como um desvio temporário em relação à norma a situação particular do centro e leste europeus – e como hoje é claro – muitos outros países do Ocidente com democracias consolidadas.

Apesar dos numerosos estudos sobre a viragem sentida desde 2000 e da atenção ao que se chama hoje “populismo”, não existe de momento consenso académico sobre as suas raízes.³ Inglehart é dos poucos que não só sugere uma ligação mas apresenta uma proposta de explicação entre o que Cas Mudde e outros chamam o “lado da oferta” do populismo, quer dizer o aumento do autoritarismo (quer como representação partidária quer como ideologia) com o “lado da procura”: a receptividade dos povos a estas lideranças fortes embora talvez não propriamente totalitárias.

Ronald Inglehart é hoje professor emérito de ciência política na Universidade de Michigan. Recebeu numerosos doutoramentos *honoris causa* na Europa (da Universidade de Uppsala, da Universidade Livre de Bruxelas, da Universidade de Lüneburg, etc.). Recebeu, sobretudo, o elogio mais sincero e desinteressado nos meios académicos: os seus estudos continuam a estar entre os mais citados nas revistas de ciência política, nomeadamente na revista da American Political Science Association (APSA). Inglehart ajudou a fundar as pesquisas do Eurobarómetro e é o fundador da World Values Survey Association que, desde 1981, se dedica à pesquisa, recolhendo hoje amostras nacionais representativas de públicos de 105 países, contendo mais de 90% da população mundial.⁴

³ Ver a síntese de Mudde, C. & Kaltwasser, C. (2017). *Populism: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press. Este pequeno livro contém várias importantes sugestões bibliográficas, incluindo a obra de Cas Mudde onde estudou o sucesso dos partidos radicais de direita mais desenvolvidamente na sua obra Mudde, C. (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

⁴ Inglehart. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World* (i).

Metodologia

Neste trabalho, e na impossibilidade de exaurir uma obra publicada tão extensa, vamos centrar-nos em dois momentos cruciais: 1977 e 2018. Tanto a sua primeira obra madura com a extensão de um livro, *The Silent Revolution*, de 1977, como a sua obra muito mais recente, de 2018, *Cultural Evolution: People's Motivations Are Changing, and Reshaping the World*, contribuíram para um melhor entendimento, ou talvez mesmo, para a explicação de muitos dos fenómenos políticos atuais, como a ascensão de determinados movimentos ou determinados partidos.

Ambas chamam à atenção para a existência de uma mudança de valores entre gerações e para a transição entre valores designados como “materialistas”, em especial o bem-estar material e a segurança física, e uma maior ênfase em valores como a qualidade de vida. E apesar das causas dessa transição serem complexas, na sua visão os princípios que estão por detrás dela parecem ser simples: “as pessoas tendem a se preocupar mais com necessidades ou ameaças imediatas do que com coisas que parecem remotas ou não ameaçadoras.”⁵

Esta mudança de valores também afeta a distribuição das capacidades políticas (“*political skills*”), sugerindo igualmente, o autor, que passámos de uma época onde já não somos meramente governados pelas elites, mas conseguimos desafiar as elites governantes. Para Inglehart estas duas mudanças encontram-se interligadas e reforçam-se uma à outra.

O método que optámos por seguir nesta tese foi o de confrontar a obra de Inglehart com os seus críticos e examinar os “diálogos” e controvérsias académicas em que esteve envolvido. O nosso propósito não é confirmar ou desmentir uma teoria que tantos cientistas e filósofos já criticaram e apoiaram, mas proceder a um exame desses debates.

⁵ Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (3).

Estrutura da tese

A tese está estruturada em seis capítulos. No primeiro capítulo vamos limitar-nos a expor o modelo básico de mudança social e de valores, tomando como ponto de partida a obra de Inglehart de 1977. Ao fazer essa apresentação pretendemos explorar os conceitos fundamentais envolvidos, em especial contrastando os valores que chama “materialistas” e aqueles que designa como “pós-materialistas” tal como Inglehart os apresenta nesse momento, e igualmente apontar o aparente valor explicativo da teoria para o fenómeno que ocorreu então, caracterizando brevemente o contexto em que escreve.

No segundo capítulo procuramos apresentar as críticas e análises mais imediatas (nos anos seguintes à publicação da teoria) e, num terceiro capítulo, tentamos explicar porque, na nossa leitura, Inglehart é capaz de responder às objeções *de dentro da teoria*.

No capítulo quarto, vamos fazer um breve esboço *à vol d’oiseau* dos quarenta anos de investigação empírica a que Inglehart se dedicou, e explicar por que razão o autor sentiu necessidade de alterar os conceitos na base da sua teoria – nomeadamente, descrevendo os debates teóricos que a recente extensão da teoria provocou, entre os quais destacamos o debate com Scott Flanagan.

Nos dois capítulos seguintes (cap.5 e 6), vamos partir da sua obra teórica mais recente, em que Inglehart tenta conjugar a sua teoria com uma explicação substantiva da mudança.⁶ No capítulo cinco comparamos em traços largos a teoria evolucionista de Inglehart com a chamada teoria da modernização. No último, fazemos uma exposição sucinta da sua teoria do reflexo autoritário.

Na conclusão vamos adotar uma abordagem mais filosófica, mas também apontar vias de “falsificação” da teoria. Serão recordados o conjunto de conceitos, que na nossa visão, não são originários de Inglehart, mas que já se encontram na filosofia política há muitas séculos. Um desses conceitos é o da insegurança como base da sociedade, que é corrente nos autores modernos desde Nicolau Maquiavel e Thomas Hobbes. Vamos também recordar como a dicotomia segurança/insegurança e liberdade/tolerância foi tratada por John Stuart Mill, numa abordagem utilitarista.

⁶ Inglehart continuou a escrever, mas as obras posteriores a 2018 podem ser descritas como obras de intervenção.

No fim vamos sugerir brevemente um programa de estudo de vários países da Europa Central e de Leste, de forma tanto programática como esquemática, apontando que dados seriam necessários explorar para julgar a aplicabilidade da teoria a casos aparentemente problemáticos (e eventualmente à sua falsificação).

Capítulo I

A revolução de valores no ocidente vista do fim dos anos 70

Vamos começar por expor o modelo de mudança social e de valores que Ronald Inglehart apresentou nos anos 70, baseando-nos sobretudo na obra mais famosa, *The Silent Revolution* (1977). Ao fazer esta apresentação pretendemos clarificar os conceitos fundamentais envolvidos na sua teoria, sublinhando o contraste que ele estabelece entre os valores materialistas e pós-materialistas e mostrar como o autor explica as razões pelas quais tal fenómeno ocorreu.

Inglehart apresenta pela primeira vez a sua teoria em 1971, logo a seguir ao maio de 68 e às greves universitárias nos EUA contra a guerra no Vietname, bem como o movimento dos direitos civis. Essa primeira formulação é apresentada num artigo publicado na *American Political Science Review*⁷. O artigo acabaria por vir a ser um dos textos de sociologia política mais citados dos últimos 50 anos, em parte porque parecia responder a uma questão importante levantada neste contexto: “por que razão a geração mais rica das últimas décadas se revoltava contra o *status quo*?”. É que, entre as muitas queixas e *slogans* desta “rebelião”, a prioridade não parecia ser o pedido de um melhor nível de vida ou mais bem-estar, mas algo inesperado que surpreendeu quase todos.⁸

Neste *paper* inicial, o sociólogo já afirma as teses fundamentais do que será o futuro livro com nome semelhante, publicado em 1977. O ponto de partida dessa obra mais longa é a constatação de uma tendência: ele julga observar uma transformação nas prioridades políticas na Europa Ocidental. Mas em vez de se limitar a apontar o facto, baseado na anterior intuição, tenta apresentar agora um modelo que o explique, assente nas seguintes hipóteses:

⁷ Inglehart, R. (1971). The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies. *American Political Science Review*, 65(4), 991-1017.

⁸ Ver Aron, R. (1968). *La Révolution Introuvable*. Paris: Gallimard (trad. portuguesa como *A Revolução Inexistente* Lisboa: Bertrand, 1971).

a) Os indivíduos têm várias necessidades, que são percebidas como de mais ou menos importância/prioridade. Um dos fatores para essa hierarquia de prioridades depende do seu grau de satisfação: se as necessidades estão já satisfeitas, a sua importância decresce ao mesmo tempo que aumenta a importância daquelas que não se encontram satisfeitas;

b) os valores de uma geração correspondem a essa prioridade de necessidades, mas em vez de se alterarem com a mudança de situação ao longo da vida (da juventude à velhice, por exemplo), os indivíduos tendem a manter os valores desde os seus anos de formação, mesmo muito mais tarde, na vida adulta.⁹

Com base nestas duas hipóteses ele sugere uma explicação para o fenómeno que observa em primeiro lugar na Europa ocidental. Na Europa ocidental, com efeito, as necessidades básicas, quer de segurança física quer de segurança económica, têm vindo a ser satisfeitas para a maior parte da população. Os grupos mais jovens e mais ricos, que foram formados dentro destas condições de relativa prosperidade, revelam prioridades muito diferentes dos grupos mais velhos e menos ricos (ou melhor que nasceram e se formaram em condições de maior adversidade), que continuam mais preocupados com problemas económicos e de segurança física e para os quais essas novas prioridades parecem ser secundárias.

Que prioridades revelam, segundo Inglehart, as gerações mais jovens em 1960-70? Entre vários outros exemplos, o autor aponta para necessidades de “pertença”, de autorrealização intelectual e estética, que descreve como valores “pós-burgueses” (*post-bourgeois*) no artigo de 1971 (por oposição a “aquisitivas”).

A teoria de Inglehart é uma teoria “forte”, pois tem grande valor preditivo. A disparidade de valores a nível nacional entre as diferentes gerações podia, obviamente, resultar das diferentes idades ou situações na vida. Quer dizer, se fosse esse o caso, os adolescentes rebeldes e idealistas de hoje tornar-se-iam, mais tarde, adultos com responsabilidades financeiras, familiares e outras, e depois pensionistas, alterando os valores e prioridades em cada fase da vida, ficando anulada deste modo *a natureza cumulativa da tendência*. Mas Inglehart afirma que as disparidades que os eventos de maio de 68 puseram repentinamente à vista de

⁹ Cf. Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (293).

todos não representam apenas um momento do “ciclo de vida” (*life-cycle*) da nova geração, mas um fenómeno duradouro.

Por outro lado, para o autor, estas prioridades não estão desligadas de fatores socioeconómicos, mas resultam de uma disparidade irreversível nas experiências pré-adultas e, portanto, acabam por “representar” a história económica de determinado país. Mas ele vai mais longe e sugere que os valores deste novo grupo etário (ou coorte) se traduzem também em disparidades de comportamento político e prevê que, se estas disparidades se mantiverem, é de esperar uma mudança a longo prazo nos objetivos políticos e nas formas de participação política nessas sociedades.

A formulação madura da teoria em 1977 vai muito para além de uma tentativa de explicar a situação que observa no pós-maio de 68. O livro tem o mesmo título e também se centra na mesma “revolução silenciosa”, mas reúne agora um imenso manancial de dados que resulta da pesquisa empírica. A obra está baseada na mesma intuição fundamental, mas desenvolveu e inventariou, entretanto, indícios objetivos capazes de confirmar a teoria, o que faz com que o livro acabe por ser publicado apenas em 1977.

O autor, além disso, nos anos seguintes continuou a alargar a quantidade e qualidade de dados disponíveis, com novos inquéritos e novas formas de representação dos resultados, entre os quais se destacam os do World Values Surveys, cuja sétima geração está em vias de ser concluída. E não cessou de escrever sobre a mudança de valores, publicando sucessivamente: *Culture Shift in Advanced Industrial Society* (1990), *Value Change in Global Perspective* (com Paul R. Abramson) (1995), *Modernization and Post-modernization* (1997), *Rising Tide: Gender Equality and Cultural Change around the World*, com Pippa Norris (2003), coedita com vários outros *Human Beliefs and Values: A Cross-Cultural Sourcebook based on the 1999-2002 values Surveys* (2004) e, novamente com Pippa Norris, *Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide* (2004), é igualmente coautor de *Modernization, Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence* (2005) entre outros. O tema parece-lhe inesgotável e não cessa de acumular dados.

Estrutura do inquérito

O estudo de 1977 apresenta desde o início, de uma forma bastante clara e direta, as teses fundamentais: logo na “Introdução” Inglehart apresenta a sua visão dos fenómenos que estariam a ocorrer.

As mudanças que descreve não se resumem às mudanças socioeconômicas subjacentes que referimos, mas são principalmente mudanças de valores e de capacidades (*skills*) políticas dos indivíduos das sociedades em causa, levando também (sugere o autor) a mudanças nas preferências políticas.

Note-se que as sociedades que observa são apenas um pequeno conjunto de sociedades ocidentais do pós-guerra. Inglehart resiste à tentação de fazer generalizações fáceis. Com efeito, segundo ele próprio, muito depende do contexto institucional e político dos países em causa. Inglehart refere concretamente que é imprescindível percebermos, desde o início, que estas mudanças não implicam que haja drásticas alterações nos sistemas políticos de forma a acompanhar estes valores, pois tais mudanças dependem sempre dos sistemas políticos em causa, devendo ser considerados nas suas singularidades. Cada país é tratado por ele como um caso particular.

Numa secção intitulada “Mudança de Valores”, Inglehart descreve o que, para ele, parece ser a natureza fundamental de tais mudanças, mas afirmando que, juntamente com as transformações de valores, devemos esperar que novos temas e questões sejam trazidos para a dianteira da cena política.

Ainda dentro deste grande tema da mudança de valores, o autor tenta explicar o que, à primeira vista, seriam as fontes da mudança, entre as quais destaca o nível de educação, as experiências formativas e outras mudanças de contexto (*background influences*). Descreve, em seguida, os diferentes tipos de mudança, quer a nível individual quer a nível coletivo (*aggregate*).

Ao referir-se às novas “clivagens políticas”, o autor centra-se principalmente nas questões em que uma alteração de valores pode levar a uma mudança do comportamento eleitoral ou em situações em que essa alteração de valores pode levar a uma alteração das próprias clivagens políticas tradicionais da sociedade industrial (como as clivagens de classe), alterando até o que define a dicotomia esquerda-direita. Ele sugere que esta transformação é provável devido a alterações da importância de certos fatores que já estavam presentes, mas adquirem novo significado, como a raça, religião, língua, etc.

Por fim, o autor trata de um tema diferente a que chama “mobilização cognitiva”. Estão a ocorrer dois tipos de mudanças básicas no público europeu: há uma mudança cognitiva (o modo como os jovens se percebem a si e ao mundo) e uma mudança avaliativa (como o julgam), e ambas têm igual importância. O que Inglehart tenta no fim de contas é menos descrever o que se observa no presente e mais explicar o

potencial de participação, não apenas através do voto, mas de outras formas mais ativas de intervenção que estas duas mudanças acarretam.¹⁰

Este esboço sucinto de uma obra rica em matizes e indicadores é talvez um pouco crua, mas parece-nos suficiente para começa a estudar o seu modelo básico.

O modelo básico

Inglehart representa o seu modelo através de um esquema simples, sublinhando que toda a obra visa explicar os elementos fundamentais de tal modelo, mas ao mesmo tempo que nenhum elemento deve ser considerado isoladamente. Para ele, há sempre um vai-e-vem entre os elementos e o todo, incluindo o contexto económico-social e também político-institucional. Como diz, as principais variáveis que identifica são três e não duas: “valores”, “capacidades”, mas também a “estrutura” (*values, skills, and structure*).¹¹

O esquema que representa o modelo básico tem três colunas, que correspondem a outros tantos componentes do modelo, que Inglehart explora sucessivamente (ver Figura 1). Primeiro descreve as mudanças *sistémicas*, como o desenvolvimento económico e tecnológico e mesmo a alteração na estrutura social, as experiências formativas, os níveis de educação e a penetração dos meios de comunicação (*mass media*, etc.), que ele designa com o título “Fontes da mudança”.¹²

Em segundo lugar, identifica as mudanças que se dão na visão do indivíduo, em especial a mudança do que designa como “valores”, nomeadamente a nova ênfase na autorrealização¹³ e a mudança de capacidades (sobretudo políticas). Como o autor indica, descrever essa mudança é a tarefa mais importante e difícil de todo o seu estudo, pois não é tão fácil medir a mudança de valores como o Produto Nacional ou outras grandezas mais facilmente quantificáveis.

¹⁰ Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (293).

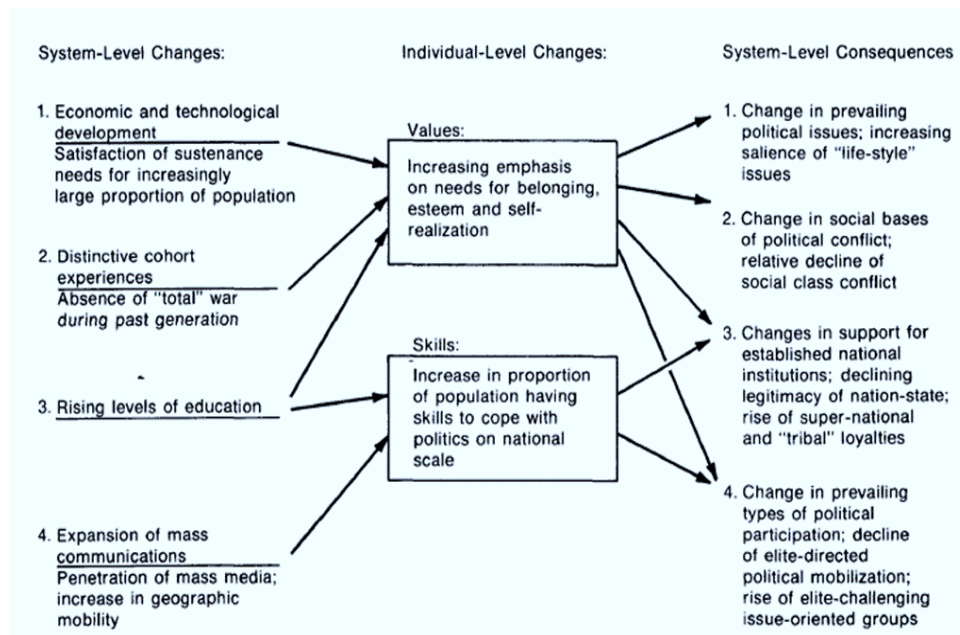
¹¹ *Ibid*, 6.

¹² *Ibid*, 6-11.

¹³ *Ibid*, 12.

Em terceiro lugar, aponta as consequências sistêmicas destas mudanças¹⁴, para além dos movimentos espetaculares de curto prazo: mudanças do estilo de vida (*life-style*), alteração das raízes sociais dos conflitos, desapego das instituições nacionais em favor de lealdades “tribais” ou supranacionais e, por fim, uma alteração na própria natureza da participação política.

Figura 1: Uma visão geral do processo de mudança nos seus diferentes níveis.



Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.5).

A evidência empírica

Depois de caracterizar o modelo que propõe, o autor tenta testar as hipóteses que formulou e sobre as quais o modelo assenta. Mas, como reconhece, enquanto mostrar a evolução do nível de vida é relativamente fácil, carrear e organizar dados sobre a evolução de valores é muito mais difícil, sobretudo se não bastam dados globais. Para isso, recorreu a sondagens de opinião disponíveis de 1970 e repetidas em 1971. As sondagens foram realizadas na Comunidade Europeia, em cinco países diferentes: França, Alemanha, Bélgica, Holanda e Itália. Utiliza também dados para 1970 sobre o Reino Unido, bastante mais

¹⁴ Ibid, 12-18.

esquemáticos. Os inquéritos incluem uma série de perguntas em que os entrevistados revelam as suas prioridades, que ele classifica em dois grupos fundamentais: por um lado, de “segurança” (tanto segurança económica como estabilidade política) ou “materialistas” e, por outro lado, valores expressivos ou “pós-materialistas”.

Inglehart abandonou, entretanto, a nomenclatura anterior (prioridades aquisitivas *versus* prioridades *post-bourgeois*) que sublinhavam sobretudo a dimensão económica, o que agora lhe parece reducionista.¹⁵

A hipótese que explora é que os que foram “socializados” em condições de paz e prosperidade tendem a preferir valores a que chama “pós-materialistas”. As amostras representam a população dos países ao longo de 15 anos e as perguntas dos inquéritos interrogam sobre a importância de manter a ordem da nação, dar voz à população nas questões políticas, combater a inflação ou respeitar a liberdade de expressão, entre várias outras questões. Como cada questionário permitia a escolha de dois valores, o autor pôde construir um índice com quatro itens.

Procede depois ao exame de novos inquéritos em 1972 e 1973¹⁶, com um número ligeiramente mais alargado de países. Os resultados estão resumidos na Tabela 1 (ver Tabela 1).

O autor discute a possibilidade de usar os questionários que já referimos para averiguar a mudança de valores, apesar das falhas óbvias de qualquer inquérito (como o pouco tempo disponibilizado para a ponderação das respostas, a formulação das perguntas e a representatividade da amostra). Mesmo assim, considera possível e útil a análise dos questionários para detetar valores percebidos.

¹⁵ Ibid, 28. Nota de rodapé 9.

¹⁶ Ibid, 34-39.

Tabela 1: O fator materialista/pós-materialista em dez países

Goal:	(Loadings of value priorities items on first factor)									
	Country									
	France (23%) ^a	Germany (22%)	United States (20%)	Bel- gium (20%)	Luxem- bourg (20%)	Den- mark (20%)	Italy (20%)	Nether- lands (19%)	Britain (18%)	Ireland (17%)
More say on job	.636	.562	.451	.472	.659	.604	.599	.568	.611	.636
Less impersonal society	.592	.675	.627	.532	.558	.566	.553	.451	.498	.393
Ideas count	.499	.498	.508	.562	.476	.577	.577	.539	.482	.453
More say in government	.400	.483	.423	.478	.434	.464	.566	.514	.506	.572
Freedom of speech	.486	.575	.409	.564	.527	.330	.499	.338	.210	.401
More beautiful cities	.087	.092	.278	.040	-.089	.181	-.100	.141	.197	-.073
Fight rising prices	-.305	-.440	-.334	-.511	-.342	-.154	-.386	-.306	-.238	-.395
Strong defense forces	-.498	-.359	-.464	-.324	-.322	-.366	-.326	-.414	-.295	-.375
Economic growth	-.412	-.398	-.397	-.297	-.497	-.517	-.245	-.442	-.536	-.152
Fight crime	-.457	-.418	-.484	-.417	-.347	-.387	-.490	-.405	-.233	-.465
Stable economy	-.441	-.451	-.435	-.407	-.345	-.523	-.322	-.410	-.574	-.202
Maintain order	-.558	-.376	-.491	-.497	-.488	-.440	-.462	-.549	-.346	-.459

^a Percent of total variance explained by first factor for each national sample appears in parentheses.

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.44).

Ao analisar os dados disponíveis, nem sempre ideais, Inglehart trabalha sobre diversas hipóteses. A primeira hipótese é, como se disse, a de que os valores dos indivíduos são formados como resposta às necessidades sentidas ao longo do período de formação.¹⁷ A segunda hipótese é que as pessoas tendem a manter os valores adquiridos nesse contexto inicial ao longo das suas vidas, mesmo que as condições mudem. Aponta, desde logo, dois exemplos que lhe parecem confirmar ambas as hipóteses: os casos alemão e inglês.¹⁸ Nos questionários de 1970 e 71 que mencionámos, ele tentou distinguir a importância dos chamados valores “materialistas” e “pós-materialistas” na França, Alemanha Ocidental, Bélgica, Holanda e Itália. Segundo esta análise,¹⁹ vemos que os respondentes tendem a dar prioridade a um ou a outro conjunto de valores, sendo notável que diferenças de “coortes”, ou grupos de idade, se traduzam em “categorias” diferentes.²⁰

Não há, obviamente, respostas só nos extremos de um eixo imaginário que vai de valores materialistas a pós-materialistas. A combinação de respostas leva-o a considerar seis categorias de prioridade

¹⁷ Ibid, 21-24.

¹⁸ Ibid, 24.

¹⁹ Ibid, 27-34.

²⁰ Ibid, 28-29.

de valores “variando de um tipo materialista puro até um tipo pós-materialista puro, com quatro categorias mistas intermédias”.²¹ Apesar da variedade e das nuances, quase 50% das respostas inclinam-se para um ou outro dos dois extremos.

A segunda hipótese, que sustenta que os valores adquiridos na juventude se mantêm, parece-lhe a mais provável, na medida em que países de valores “materialistas” tendem a ter populações mais envelhecidas e o aumento da proporção de cidadãos com valores pós-materialistas aumenta nos jovens questionados e isso é especialmente visível na mudança detetada entre 1970 e 71.

A tendência é aparentemente confirmada pelos dados posteriores. Nos inquéritos de 1972 e 73²² são também incluídos no estudo a Dinamarca, Irlanda, Suíça, que ainda não pertenciam à comunidade europeia, os EUA. Inglehart constata que os EUA tiveram a menor variação de mudanças sociais – ou pelo menos a menor variação de experiência social na juventude²³ – pois os EUA, tal como o Reino Unido, já eram prósperos no início do período analisado e têm, previsivelmente, uma proporção relativamente grande de cidadãos pós-materialistas, incluindo nas coortes mais envelhecidas. Por exemplo, 42% dos alemães revelam valores materialistas e apenas 31% dos americanos revelam os mesmos valores.²⁴ Por outro lado, a situação material na Alemanha muda mais do que nos EUA e (o que parece confirmar a hipótese) há uma maior mudança de valores na Alemanha face aos EUA.

O estudo mostra, pois, o papel da cultura do país e da sua história no que toca à mudança de valores, ao mesmo tempo que corrobora a ideia de que cidadãos que nasceram em épocas de mais prosperidade tendem para o pós-materialismo.

Inglehart, que participou no estudo dos valores Europeus de 1972-73²⁵, procedeu neste caso a uma análise em que recorre a três espécies de preferências representadas por “cartões” com diferentes conjuntos

²¹ Ibid, 29.

²² Ibid, 34-39.

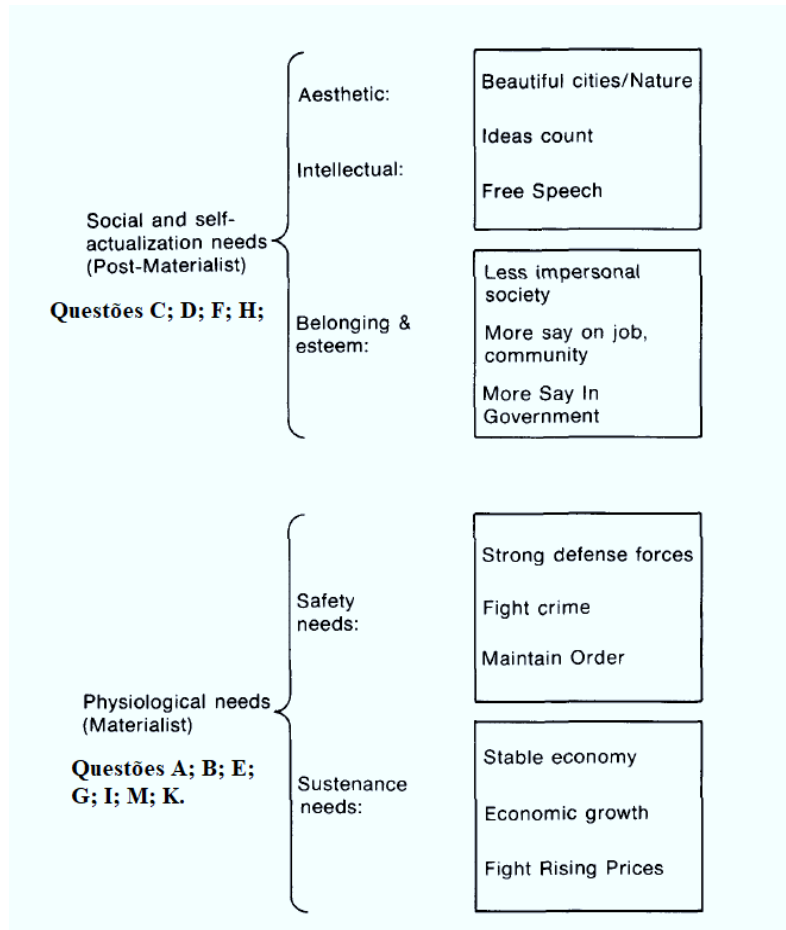
²³ Ibid, 38.

²⁴ Ibid, tabela 2-2b, 37; Tabela 2-3, 38.

²⁵ Ibid, Appendix A, 395-430.

de valores, uns focados na segurança e na economia, outros na estética e outros ainda na liberdade de expressão e desenvolvimento pessoal (ver Figura 2).²⁶

Figura 2: Itens usados nas *surveys* de 1973 e as necessidades que pretendiam explorar



Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.42).

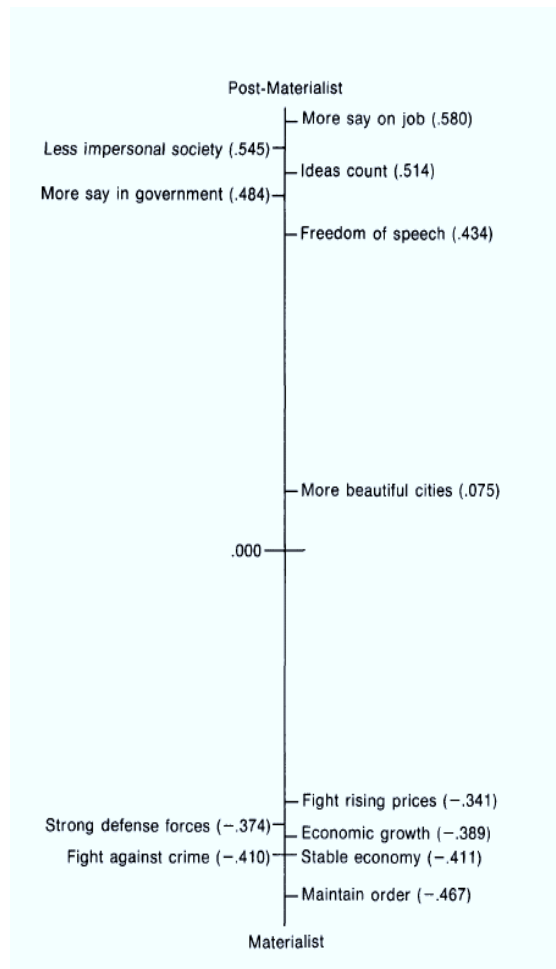
Os inquiridos têm que escolher o cartão que consideram mais apelativo para o futuro do seu país. De novo, os resultados do inquérito mostram uma tendência para evitar categorias mistas de valores materialistas e pós-materialistas, como seria talvez de esperar, e as respostas tendem nitidamente para um dos extremos.

²⁶ Ibid, 39-53.

Os inquéritos assim organizados permitiram também hierarquizar os valores ou preferências ao longo do eixo materialista/pós-materialista. O que não era de esperar, segundo Inglehart, é que os “valores estéticos” fossem agrupados pelos participantes não como valores pertencentes a uma categoria específica, mas considerados em função das diferentes visões da sua visão da industrialização.²⁷

Inglehart representa graficamente num eixo contínuo as preferências reveladas nos inquéritos (ver Figura 3), correspondendo as distâncias no gráfico à intensidade das preferências.²⁸

Figura 3: O Fator Materialista/Pós-Materialista. Médias ponderadas do primeiro fator nas análises dos inquéritos de dez países, 1973.



Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.46).

²⁷ Ibid, 45.

²⁸ Ibid, 46.

Balanço da investigação de 1977

O retrato global que Inglehart traça ao longo da obra, baseado em parte nestes inquéritos e em parte num conjunto de pressupostos razoáveis, pode ser resumido como segue. Devido a uma segurança económica e física presente desde o nascimento de grande parte da população ocidental, o foco dos valores dessa sociedade tem ido ao encontro de um desejo por melhor qualidade de vida e mais educação. É, por exemplo, cada vez mais comum que os cidadãos frequentem cursos universitários.²⁹

A estabilidade económica é um fator de crescimento e desenvolvimento de tal forma importante que o rendimento *per capita* é agora pelo menos o dobro do rendimento antes da Segunda Guerra em todos os países Ocidentais, assim como as novas tecnologias e a facilidade de deslocação no mundo ocidental levam a uma diminuição do nacionalismo e à emergência de um cuidado pelo mundo em geral.³⁰

O mais provável é que esta mudança seja sentida na política a partir da importância dada a certos temas: quando a economia e a segurança deixam de ser primordiais, assiste-se ao levantar de novas questões sobre o estilo de vida, etnia e ideologia, recursos naturais, ambiente e “inclusividade social”.

De acordo com o estudo, prevê-se também novas formas de conflito ideológico entre classes, pois a nova estabilidade económica faz a classe média crescer em número e proporção. Paradoxalmente, esta nova classe média tende a tornar-se mais radical, enquanto que as classes trabalhadora e baixa se tornam mais conservadoras. Por outro lado, com o aumento das “competências políticas” (*political skills*) entre a população, à medida que a classe trabalhadora diminui e aumenta a classe média, o desagrado pelas políticas nacionais e o interesse pelo domínio internacional leva também à maior aceitação de imigrantes e à integração na comunidade internacional.

O autor sugere a hipótese de uma mudança previsível nas chamadas *political skills* de *elite-directed* para *elite-challenging*. Esta alteração fará surgir valores que diminuem a legitimidade de certas lealdades como o patriotismo, a fidelidade à religião institucionalizada ou a qualquer outra forma de autoridade

²⁹ Só este fator, de acordo com Feldman e Newcomb, vai tornar a sociedade mais liberal e interessada na política, junto com um decréscimo de ideias autoritárias, etnocêntricas ou dogmas em geral.

³⁰ Já sem falar de que as novas coortes vêm a guerra como algo que acontece apenas noutros países que não o seu. Estas mudanças na vida dos cidadãos tinham levado a que metade dos americanos não confiassem no seu governo, e dois milhões de italianos votassem em candidatos fascistas (Ibid, 12).

hierárquica (estes conceitos são logo introduzidos na Introdução³¹ mas só explorados em profundidade na última parte da teoria).³²

Inglehart chama ainda a atenção para uma consequência provável dessa transformação. Os partidos que apelem a estes novos valores e prioridades podem muito bem perder as suas identidades já que muitas destas questões são relativamente novas, mas nunca tiveram tanto peso. Isto é tanto mais provável quanto a sua implementação pode levar ao abandono de valores que os partidos tradicionalmente defendiam. Isto levará no futuro à criação de novos partidos que representem nos sistemas políticos estas novas questões.

O autor indica também a importância do desafio que enfrentam esses partidos políticos, que têm que não só mudar a sua abordagem às novas ideias como não podem apelar a ideais nacionalistas e patrióticos como no passado, sem risco de desagrado por parte dos eleitores, o que, por sua vez, pode levar a uma redefinição da identificação com a esquerda e a direita (ver Tabela 2).³³

Tabela 2: Auto colocação (*self-placement*) “esquerda-direita” por tipo de valor

Value Type:	(Percent placing selves on left) ^a									
	Country									
	France	Belgium	Netherlands	Germany	Italy	Luxembourg	Denmark	Ireland	Britain	United States
Materialist	43%	53%	38%	44%	64%	41%	50%	36%	47%	43%
Score = 1	57	49	45	50	73	56	53	39	55	50
Score = 2	68	49	49	55	75	67	53	42	55	55
Score = 3	74	51	48	63	84	59	67	43	62	49
Score = 4	80	57	56	77	89	78	61	53	59	70
Post-Materialist	86	68	72	83	94	80	80	84	76	77

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.63).

Em resumo, as descobertas que se referiram dão pistas sobre o modo como a mudança de valores pode alterar toda a vida política das sociedades industriais ocidentais. Parafraseando Inglehart³⁴, podemos dizer que os objetivos do público já não podem ser tomados como um dado constante: as profundas

³¹ Ibid, 3, 5, 16.

³² Ibid, 299, 310, 368-369.

³³ Ibid, quadro 2-8, 63.

³⁴ Ver “conclusão” do cap. 2, (Ibid, 69-71).

mudanças nas experiências formativas e na qualificação das gerações tendem a produzir mudanças nos objetivos dominantes de uma sociedade. Mas tal ocorre gradualmente, uma vez que esses objetivos aparecem ligados às necessidades mais críticas de cada nova coorte nos anos pré-adultos. Certas questões, previsivelmente, tornam-se proeminentes nos países onde há mais bem-estar e segurança.

As necessidades de pertença adquirem maior proeminência do que os imperativos do crescimento económico, e a preocupação com igualdade social de tratamento e respeito adquire maior proeminência do que a demanda por mera igualdade económica. Mais gradualmente ainda, surge ou está em vias de surgir uma ênfase crescente na expressão pessoal à custa até de benefícios económicos.

Igualmente previsível é que entre os jovens mais “abastados” (e, portanto, segundo Inglehart, tipicamente mais pós-materialistas), a insatisfação face às formas burocráticas tradicionais, hierarquicamente estruturadas de organização se torne evidente no local de trabalho, na vida social e na vida pública.

O sentimento de pertença à esquerda ou à direita terá implicações significativas também num possível realinhamento nas bases sociais da política. Como ele recorda, tradicionalmente a maior parte do apoio aos partidos de esquerda vinha da classe trabalhadora, enquanto a classe média votava nos partidos de direita em quase todos os países ocidentais. Tal lealdade partidária ainda se verifica entre as populações inquiridas em 1973. Mas esta lealdade entra em conflito com os novos valores e há tendência para que os “tipos” pós-materialistas da classe média se identifiquem com a esquerda, enquanto os materialistas menos abastados têm maior probabilidade de se colocar à direita. As lealdades de classe às políticas da esquerda e direita podem mesmo – sugere a teoria – vir a ser invertidas, alterando os padrões habituais de votação por classe.

Apesar de os pós-materialistas, de momento, se considerarem à esquerda, tal não significa que votarão nos partidos de esquerda, pois outros fatores entram na equação. Parece haver uma pressão subjacente, a tal *revolução silenciosa*, para enfraquecer a votação segundo a mera pertença a certas classes sociais.

No estudo empírico, Inglehart apresenta o cenário de mudança eleitoral em oito países diferentes (Tabela 3), mudança que parece resultar de uma revolução silenciosa nos valores.

Tabela 3: Configurações políticas em oito países

Nation	Left			Right		
	Communist	New Left	Center-Left	Center	Center-Right	Radical-Right
Great Britain (Vote Oct. 1974)			Labor 39%	Liberals 18%	Conservatives 36%	
West Germany (Vote in 1976)			Social Democrats 43%	Free Democrats 8%	Christian Democrats 49%	
France (Vote in 1973, first round)	Communists 21%	United Socialists 3%	Socialists 19%	Reform Movement 12%	Gaullist Coalition 38%	
Italy (Vote in 1976)	Communists 34%	Radicals 1%	Socialists 10% Social Democrats 3%	Republicans 3%	Christian Democrats 39% Liberals 1%	Neo-Fascists 6%
Belgium* (Vote in 1974)	Communists 3%		Socialists 27%	Liberals 15%	Social Christians 32%	
Netherlands (Vote in 1972)	Communists 5%	Radicals 5% Democrats, 1966 4%	Labor 26%	Democratic Socialist, '70 4%	Catholic Party 18% 2 Protestant parties 14% Liberals 14%	Farmers Party 2% Protestant Right parties 4%
Switzerland (Vote in 1975)	Communists 2%		Socialists 27%	Independents 6%	Radicals 22% Christian parties 23% People's 10% Liberals 2%	National Action 3% Republican movement 3%
United States (Vote in 1976) (Party Identification in parentheses)			Democrats 51% (Democrat I.D. = 42%)	(Independents I.D. = 37%)	Republicans 49% (Republican I.D. = 21%)	

* In Belgium's 1974 elections, Flemish and French-speaking nationalist groups polled 21% of the vote; we did not attempt to place them on this chart.

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.63).

Inglehart nota o impacto que o processo de mudança de valores pode vir a ter no apoio aos regimes no ocidente. Como diz,

Tradicionalmente, o Estado-nação baseia suas reivindicações de legitimidade, em grande parte, em sua função de preservar a ordem doméstica e proteger seus súditos de inimigos estrangeiros. Evocar ameaças reais ou imaginárias à segurança nacional tem sido um meio perene de reunir apoio público ao regime existente. A presença militar ainda mantém uma imagem pública positiva, mas a prioridade dada à defesa nacional parece ter caído para um nível notavelmente baixo entre os públicos ocidentais.³⁵

³⁵ Ibid, 70.

Mas, explica, essa é uma situação em vias de mudança, pois os principais símbolos do nacionalismo perderam muito da sua força e uma mudança crescente “em direção aos valores pós-materialistas implicaria um enfraquecimento adicional do apoio ao Estado-nação.”³⁶

Inglehart salienta ainda os problemas que esta mudança traz aos Governos: não lhes basta continuar a crescer economicamente, mas têm agora que lidar com exigências “pós-materialistas”. Como diz, “um público cada vez mais pós-materialista traria crescente ênfase às coisas que os governos ocidentais não estão muito bem equipados para lidar—pelo menos ainda não.”³⁷

Parece-lhe verosímil que se assista a uma erosão da confiança pública no governo, que se já nota em alguns países ocidentais.

³⁶ Ibid, 70.

³⁷ Ibid, 70-71.

Capítulo II

Os conceitos materialista/pós-materialista: debates e críticas

A investigação de Inglehart a partir de 1977 assenta na dicotomia que propôs entre valores e preocupações materialistas/pós-materialistas. Apesar disso, a sua atenção está sempre mais dirigida a tornar os conceitos operacionais do que aprofundar o seu conteúdo. Não é apenas o resultado do seu pragmatismo e da tendência natural de um sociólogo empírico para descurar abordagens mais filosóficas ou teóricas, mas de uma opção propriamente teórica: o seu trabalho aceita e depende da razoabilidade da hierarquia de necessidades proposta por Abraham Harold Maslow.³⁸

Mark Kesselman, um investigador em política comparada e durante muito tempo professor na Universidade de Columbia, numa análise da obra de Inglehart publicada no ano seguinte, descreve graficamente o contraste e mesmo o conflito que pode resultar de exigências contraditórias entre valores materialistas e pós-materialistas: “Os pós-materialistas (como Inglehart lhes chama) diferem dos materialistas de muitas maneiras: são menos provincianos nas suas perspetivas, identificando-se com o seu Estado-nação e com a Comunidade Europeia em vez de se identificarem com a sua localidade ou região; é mais provável que sejam abastados, politicamente informados, educados e habilitados.”³⁹

Tais diferenças, nota, fazem prever alterações políticas:

Em vez de se contentarem com a participação passiva e tradicional, por exemplo, com o voto ou a participação em organizações hierárquicas como o partido político, os pós-materialistas procuram participar ativamente em movimentos não hierárquicos, orientados para problemáticas, e procuram participar na tomada de decisões, em vez de se limitarem à escolha de líderes. As exigências pós-materialistas feitas por jovens habilitados, empenhados e de classe média são mais absolutistas e menos negociáveis do que as exigências económicas

³⁸ A hierarquia de necessidades foi apresentada no artigo seminal: Maslow, A. H. (1943). A Theory of Human Motivation, *Psychological Review*, vol 50, 4, 370-396. Foi desde essa altura objeto de imensos estudos que não faz sentido tentar aqui enunciar.

³⁹ Kesselman, M. (1979). The Silent Revolution. *The American Political Science Review*, 73(1), 285.

quantitativas dos trabalhadores. As clivagens pós-industriais enraizadas no pós-materialismo estão a unir clivagens de classe e clivagens pré-industriais.⁴⁰

Inglehart, com efeito, previa que os governos ocidentais não estavam preparados para estas novas formas de fazer política. A conclusão é forte e suscitou muitas críticas. Tanto o artigo seminal de 1971 como o livro de 1977 tiveram um imenso impacto e suscitaram numerosas reações, não só de Kesselman, como outras mais veementes, provenientes de outros sociólogos políticos, como James D. Wright.⁴¹

Dúvidas sobre a profundidade da “revolução”

Uma linha de críticas é a de que o fenómeno é muito menos importante do que Inglehart julga e que é apenas temporário. A grande revolução de valores não se deu ainda e não se dará, ao menos por muito tempo. Wright, por exemplo, logo em 1978, considera que o livro apresenta uma tese já familiar, com a vantagem só de juntar dados objetivos ao que eram, até aí, apenas constatações especulativas. Mas é cético sobre os prognósticos que Inglehart faz sobre o sistema político, algo que Kesselman também questiona.

Como nota Wright, a teoria presume explicar tanto fenómenos aparentemente contrários, como a candidatura independente de George Wallace nas eleições norte-americanas de 1968, ou a vitória Gaulista no mesmo ano, mas promete em compensação “um futuro mais sorridente”, à medida que os valores da nova geração se tornarem predominantes. Segundo a teoria, os pós-materialistas farão nascer um admirável

⁴⁰ Kesselman. (1979). *The Silent Revolution* (285).

⁴¹ Ver principalmente Moysen, G. (1978). Political Culture and Political Change in Western Europe and the USA: An American Perspective. *Government and Opposition*, 13(4), 497-509. Outras importantes recensões críticas são:

Newkirk, M. (1978). The Silent Revolution. *The Public Opinion Quarterly*, 42(4), 568-569.

Rayside, D. (1978). The Silent Revolution. *Canadian Journal of Political Science / Revue Canadienne De Science Politique*, 11(3), 719-720.

Pasquino, G. (1978). The Silent Revolution. *Il Politico*, 43(1), 168-169.

Kriese. (1978). The Silent Revolution. *Social Science Quarterly*, 59(2), 413-414.

Miller, K. (1978). The Silent Revolution. *The Journal of Politics*, 40(3), 801-803.

Dimitras. (1978). The Silent Revolution. *Social Science*, 53(3), 179-180.

Morse, E. (1978). The Silent Revolution. *Foreign Affairs*, 56(2), 442-443.

mundo novo, livre da dureza económica e da desumanização, opressão e solidão para levar a um mundo de razão, beleza e amor.⁴²

Ele duvida dessas expectativas e vai ainda mais longe, questionando a importância do fenómeno: “A julgar pelas provas apresentadas, o pós-materialismo não penetrou muito profundamente na consciência do público ocidental.”⁴³ Com efeito, observa o crítico, os materialistas excedem o número de pós-materialistas em todas as coortes etárias de todas as nações referidas por Inglehart, sendo a coorte mais jovem da Bélgica a única exceção.⁴⁴ Wright reavalia os dados brutos e dos mesmos inquiridos e conclui que, se elaborarmos um índice mais completo (com doze itens), esse índice já mostra que, para a maioria esmagadora dos respondentes nas onze nações pós-industriais, as principais preocupações continuam a ser as preocupações económicas (traduzidas em prioridades como *fighting rising prices, economic growth, economic stability*).

Conclui, pois, o seu exame da evidência empírica na base do modelo minimizando a importância da mudança: “Pelo menos num ponto-chave a análise de Inglehart é inatacável: esta é sem dúvida a revolução mais silenciosa de que há registo”.⁴⁵

Segundo Wright, mesmo que o exemplo alemão fosse representativo da situação global (é o que apresenta a maior disseminação do pós-materialismo), mesmo que a proporção de pós-materialistas aumentasse exponencialmente (22%→36%→49%) nos anos seguintes e não houvesse nenhuma erosão ou retrocesso no pós-materialismo com a idade (*life-cycle*), nem aumento da esperança de vida para as coortes etárias mais velhas, a desejada maioria pós-materialista só chegaria à Alemanha em 2015.⁴⁶

⁴² James D. Wright conclui sarcasticamente: “Mal posso esperar”: Wright, J. (1978). *The Political Consciousness of Post-Industrialism*. *Contemporary Sociology*, 7(3), 270.

⁴³ *Ibid*, 271.

⁴⁴ Ver Tabelas 2-1 e 2-2: Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (32, 36 e 37).

Wright diz lendo a obra de Inglehart, que “Nas onze nações para as quais existem dados disponíveis, a proporção média pós-material é de 10,5%; a proporção média materialista é de 34,5%; sendo o restante abrangido pela categoria mista (Quadro 2-3)”.

Ver Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (38).

⁴⁵ Wright. (1978). *The Political Consciousness of Post-Industrialism* (271).

⁴⁶ Segundo os cálculos que faz, esta geração pós-materialista só será maioritária em 2015 –35 anos depois.

Mas se não aceitarmos estes pressupostos “irrealistas”, diz Wright, a chegada da almejada maioria pós-materialista dar-se-ia talvez apenas em meados do século XXI: “A revolução não só é silenciosa, como avança a um ritmo glacial”.⁴⁷

Mesmo julgando que as proporções de pós-materialistas são baixas, parece-lhe haver razões para crer que se encontram seriamente inflacionadas. Como diz:

Esta suspeita é suscitada pelos N's mostrados no Quadro 3-1, que relata a relação entre classe social e tipo de valor para sete das nações em estudo. O cálculo da percentagem de mão-de-obra não agrícola destes N's revela um padrão bastante anómalo. Em primeiro lugar, nos dados dos EUA, a percentagem calculada é de 49,2%, muito próxima do valor real em 1972 de 49,7%. Tanto quanto sei, nenhuma nação europeia excedeu ainda substancialmente a proporção de colarinho branco dos EUA, mas as proporções calculadas a partir dos dados da Inglehart são de 54% em França, 56% na Alemanha Ocidental, 57% na Bélgica, 61% em Itália, e uns espantosos 63% nos Países Baixos. Nenhum destes valores é plausível.⁴⁸

Globalmente, no seu juízo, as amostras são enviesadas em favor de colarinhos brancos e de uma classe média “burguesa”.

Mark Kesselman, numa recensão publicada na *American Political Science Review*, dois anos depois do livro ser publicado, em 1979⁴⁹, é mais positivo e resume do seguinte modo o esforço da obra:

A Revolução Silenciosa é uma pesquisa internacional ambiciosa sobre a mudança de valores, empregando uma série de técnicas complexas e descobrindo ricas e interessantes inter-relações. Embora possa parecer que uma enorme energia foi dedicada à identificação de uma tendência geral óbvia, frequentemente as verdades só parecem óbvias num olhar retrospectivo.⁵⁰

Kesselman acrescenta imediatamente que um ponto crítico da teoria é que Inglehart pensa revelar que a mudança de valores reflete uma mudança intergeracional e não uma mudança do decurso da vida (*life-cycle change*): enquanto a geração anterior crescera em condições de insegurança, económica e física,

⁴⁷ Segundo Wright também há uma perda percentual entre os 3 anos de diferença entre os inquéritos de 1970 e de 1973. Sendo que o mesmo afirma que Inglehart não se encontra dissuadido por estes resultados: “Será o nosso autor dissuadido por estes resultados? Nem por sombras. Os dados apenas indicam que ‘as pessoas mais jovens são relativamente maleáveis’, consistentes com as suas perspetivas menos rígidas de pós-material”. Ver Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (103).

⁴⁸ Wright. (1978). *The Political Consciousness of Post-Industrialism* (272).

⁴⁹ Kesselman. (1979). *The Silent Revolution* (284-286).

⁵⁰ *Ibid*, 285.

a geração do pós-guerra mudou as suas prioridades: menos preocupação com paz e prosperidade, mais preocupação com necessidades não materiais de pertença e realização pessoal.

Tal mudança não se deve, pois, simplesmente ao “amadurecimento” de cada coorte etária.

Dúvidas sobre o impacto no sistema político: o que é o poder?

Outra linha de crítica, que Wright também partilha, mas que considera secundária, é a de que Inglehart faz extrapolações da mudança de valores individuais para o sistema político sem verdadeiramente explicar como isso se passará – e muito menos demonstrar que acontecerá efetivamente. Esta linha de críticas é talvez a mais frequente na altura em que a teoria de Inglehart é formulada, pois a academia está dominada por formas de sociologia política influenciadas, direta ou indiretamente, pela sociologia marxista.

O próprio Inglehart tinha sido cuidadoso nas generalizações, afirmando que cada país é um caso particular, devido às suas instituições políticas peculiares, mas não duvida da tendência dominante.

Reconhecendo o poder da teoria, Kesselman censura Inglehart à quase total ausência do conceito de “poder” na análise e o abandono da ideia de luta de classes. Faz em consequência três importantes críticas, com certa dureza: “O livro mal explora o conteúdo da revolução silenciosa; extrapola de uma tendência com origem numa época expansionista e ignora o impacto do que provavelmente será um futuro estagnado; e, exagerando o impacto dos valores nos conflitos e mudanças política, acaba por interpretar mal o caráter do poder político”.⁵¹

Ele julga em particular que o autor *se limita a constatar uma tendência*, mas não tenta explicar como se relacionam os valores com o modelo de estratificação social em classes. Enuncia em concreto três questões que lhe parecem insatisfatórias: a primeira envolve o caráter dos valores pós-materialistas; a segunda envolve as extrapolações futuras (o mundo parou de crescer após os “30 anos gloriosos” e o livro sai depois da crise petrolífera e inflacionista de 1973-4); enfim, a extrapolação de uma mudança de valores individuais para a transformação do sistema político parece mal fundamentada. Quanto à natureza dos

⁵¹ Ibid, 285.

valores pós materialistas, Kesselman observa que “o pós-materialismo pode estar relacionado com outros aspetos da vida material para além das exigências que envolvem salários e preços, mas é diferente de argumentar que não está relacionada com questões materiais e clivagens de classe.”⁵²

É possível que os indivíduos pós-materialistas sejam *avant garde* e que o seu papel social seja desproporcionado em face do seu número, pois como a análise de Kesselman revela, os próprios dados apresentados nos inquéritos indiciam que este grupo não ultrapassa um décimo da amostra. Em qualquer caso, parece-lhe, é necessário evitar extrapolar quanto ao impacto político da mudança de prioridades.

É importante também referir que, nesta linha de críticas, é frequente questionar a validade e utilidade da distinção entre indivíduos materialistas e pós-materialistas, tendo em consideração que o eleitorado não distingue as categorias e mais de metade dos respondentes acaba colocado numa “categoria mista” (*mix-category*) a meio caminho entre os dois tipos de extremos – ao contrário do que Inglehart afirma. Mais, Kesselman minimiza a importância deste grupo pós-materialista, que em nenhum dos países observados representa mais de 10% da amostra (exceto na Bélgica, onde chega a representar 20%).

Kesselman questiona as previsões feitas por Inglehart, pois “o impacto da pós-materialidade acelerará à medida que as sucessivas coortes de jovens pós-materialistas substituem os materialistas mais velhos. No entanto, para uma tal substituição a ocorrer, o próximo quarto de século provavelmente terá que ser parecido com o último.” Com efeito, como sublinha Kesselman, o próprio Inglehart observa⁵³ que a “tendência para o pós-materialismo seria revertida se surgissem grandes dificuldades económicas”.⁵⁴

Tal já se passou: ao analisar os inquéritos de 1976, observa-se que os jovens que crescem na década de 70 já diferem dos jovens que cresceram nas décadas de 50 e 60, e por isso a tendência para o pós-materialismo abrandou.

⁵² Ibid, 285.

⁵³ Ibid, 285. Ver Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (106, 114-15).

⁵⁴ Ibid, 285.

Balanço

Podemos concluir que as mais frequentes linhas de crítica dirigidas “a quente” à teoria de Inglehart se centram na dimensão do fenómeno, considerando-o meramente temporário: uma tendência e não uma lei.

Uma das razões para a dúvida é a incompreensão do fenómeno em causa (mudança de valores). Hesita-se em aceitar que a teoria não reflete uma simples mudança no decurso de vida (*life-cycle*) e pensa-se que esta mudança de valores será apenas temporária: quando as coortes mais jovens “amadurecerem” passarão a ter os mesmos valores (materialistas) que as coortes mais velhas.

Ou seja, estas duas vertentes das críticas coincidem na afirmação de que a “mudança” só se encontra presente nas coortes mais jovens, e que, quando as mesmas envelhecerem, a “mudança” deixará de existir. Se estas críticas fossem acertadas, devíamos concluir (como muitos críticos fizeram) que Inglehart somente constatou uma tendência e não uma mudança persistente de valores.

Capítulo III

Valores individuais e movimentos políticos: que relação?

Uma terceira espécie de críticas que já referimos de passagem, também mais ou menos imediata, é muito diferente das outras linhas debatidas no capítulo anterior. Prende-se sobretudo com um tema que é central para a nossa avaliação da teoria e, por isso, força-nos a revisitar a teoria de Inglehart através do olhar dos seus críticos: que relação estabelece a teoria entre valores individuais e movimentos políticos?

Segundo a visão dos seus mais severos críticos, Inglehart tende a inferir mudanças estruturais a partir de mudanças de valores e capacidades individuais,⁵⁵ o que dá uma visão enviesada e parcial dos acontecimentos. Por exemplo, Inglehart sublinha o carácter pós-materialista do Maio de 1968 e a viragem conservadora da classe trabalhadora que nas eleições de junho de 1968 reelege De Gaulle, mas negligencia o papel da classe trabalhadora na greve que decorre ao mesmo tempo que o movimento estudantil.

A maioria dos críticos que se debruçam sobre a relação valores individuais/mudança na estrutura política não é só igualmente cética sobre a dimensão da mudança, mas questiona sobretudo os efeitos políticos de uma mudança de prioridades.

⁵⁵ Kesselman, *Ibid*, 286. Comenta a afirmação de Inglehart: "Competências especiais são um pré-requisito para desempenhar um papel eficaz na política de uma extensa comunidade política que abrange milhões de cidadãos. Consequentemente, crescentes níveis de competências políticas deveriam permitir aos cidadãos ocidentais desempenhar um papel mais significativo no processo de tomada decisão" Ver Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (368).

Classes e alinhamentos políticos

Cabe aqui dizer que, apesar das dúvidas e mesmo incredulidade que os críticos de Inglehart manifestaram, este não foi cego aos problemas de estratificação social. Mesmo nesta primeira obra explica, com certo detalhe, como as clivagens políticas se relacionam com a pertença de classe.

Inglehart, na verdade, indicou explicitamente (embora às vezes talvez apressadamente ou de forma muito condensada), por que razão vê as clivagens de valores substituir ou, melhor, provocar erosão nas políticas económicas baseadas em interesses de classe. Recordemos o que afirma na obra de 1977, *Silent Revolution*, e que se tornará progressivamente mais claro em obras posteriores.

Desde 1977 que Inglehart prevê uma profunda alteração das linhas de clivagem política e um realinhamento do apoio das classes sociais à esquerda e à direita. Segundo Inglehart, as ideologias políticas, para se manterem relevantes, têm de se adaptar às novas problemáticas sociais que surgem, mas os partidos, para poderem manter a sua identidade e conseguirem apelar tanto aos seus votantes de longa data como às novas gerações, vão debater-se com grandes dificuldades.⁵⁶

As variáveis que levam votantes ao partido podem ser classificadas, segundo ele, em pré-industriais, industriais ou pós-industriais. As primeiras incluem a adesão à religião, aos grupos linguísticos e de raça; as segundas estão associadas aos conflitos de classes, em torno de questões de rendimento, ocupação profissional, educação e participação em sindicatos; as terceiras são de cariz individual com grande presença pós-materialista.

Até então, por norma, os grupos com menor rendimento e mais problemas de emprego tendem a votar em partidos que prometem a mudança, normalmente de esquerda, enquanto os de classe média ou alta preferem manter o *status quo*.

Mas há uma crescente clivagem baseada no estilo de vida dos indivíduos e uma inversão destes papéis — embora essa tendência, segundo Inglehart, só possa ser confirmada depois de uma análise de um período de tempo mais longo do que aquele que os inquiridos na altura disponibilizam.

⁵⁶ Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (179).

Inglehart reconhece que as clivagens industriais e pré-industriais mantêm grande importância já que dominam o centro da vida política. Dizer que as políticas de esquerda estão associadas à mudança e as de direita centradas em preservar o *status quo* é, segundo ele, pouco mais que recorrer a chavões usados muitas vezes pelos opositores políticos de um e outro extremo do espectro político.

São, é certo, expressões de um vocabulário útil que permite falar de forma simples sobre uma realidade extremamente complexa. Num mundo a preto e branco, uma votação esquerda/direita depende de um suporte partidário das políticas definidas por estas posições extremas, em que os eleitores votam num partido porque são a favor ou contra as políticas atuais ou do *status quo*.

Como um mundo a preto e branco não existe, os partidos devem ser divididos em subgrupos, mesmo para efeitos de estudo. Tais diferenças podem passar despercebidas aos eleitores ou pode acontecer simplesmente que as políticas específicas de cada partido se desviem da ideologia típica do mesmo, dependendo do local geográfico e da história do país.⁵⁷

Os dados mostram a Inglehart que as clivagens de classe não são um mito (ver Tabela 4), mas a sua importância está já a diminuir em vários países (se bem que talvez não de forma uniforme ou regular).

Segundo Inglehart, todavia, devemos também notar que, apesar da identificação entre classe e partido estar ainda presente, tal identificação está já em declínio, pois cada vez menos a população sente necessidade de votar em partidos definidos por interesses de classe.

Os questionários que Inglehart usa revelam que os inquiridos tendem a situar-se no centro político quando perguntados sobre a sua atitude perante a mudança dos sistemas sociais e o mesmo acontece quando são perguntados sobre a sua identificação na escala direita/esquerda (ver tabela 5).⁵⁸

⁵⁷ Há também partidos que se enquadram naquilo que é de partidos “do contra”, embora a clivagem não seja tão demarcada por este facto, tal como o espectro “territorial-cultural” de Lipset e Rokkan. Ver Inglehart. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (190).

⁵⁸ *Ibid*, 213.

Tabela 4: Classe Social e Partidarismo Político (Porcentagem de apoio a partidos de direita)^a

<i>Britain</i>			<i>Germany</i>			<i>France</i>		
Middle class	78%	(442)	Middle class	50%	(1,208)	Middle class	50%	(467)
Working class	44	(1,066)	Working class	37	(1,039)	Working class	35	(419)
Alford index:	+34		Alford index:	+13		Alford index:	+15	
			Farm	64%	(120)	Farm	67%	(148)
<i>Italy</i>			<i>Netherlands</i>			<i>Belgium</i>		
Middle class	63%	(758)	Middle class	55%	(985)	Middle class	70%	(468)
Working class	48	(524)	Working class	40	(541)	Working class	54	(502)
Alford index:	+15		Alford index:	+15		Alford index:	+16	
Farm	67%	(272)	Farm	78%	(149)	Farm	90%	(114)
<i>Switzerland</i>			<i>United States: Party Identification</i>			<i>United States: Vote in 1972</i>		
Middle class	74%	(581)	Middle class	44%	(1,565)	Middle class	67%	(1,382)
Working class	53	(395)	Working class	29	(1,401)	Working class	59	(842)
Alford index:	+21		Alford index:	+15		Alford index:	+ 8	
Farm	93%	(123)	Farm	53%	(168)	Farm	79%	(117)

^a Social class is based on occupation, head of family: those in non-manual occupations are categorized as middle class; those in manual occupations are considered working class, except for farm families. The Alford index is simply the difference in the percentage voting for the Left, between the first two groups. Data from 1970 and 1971 European Community surveys are combined in this table for all countries except Britain (where 1971 survey data were not available). Swiss data are from a 1972 survey by the Universities of Geneva and Zurich. American data for party identification are from the Institute for Social Research May, 1972, omnibus survey, Center for Political Studies 1972 election survey and European Community March, 1973, survey; vote in 1972 is based on the two latter surveys only. These sources are also the basis of the following tables in this chapter, except as noted.

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.199).

Tabela 5: Suporte para com a sociedade atual, reforma gradual, ou mudança revolucionária agrupado por classe social^a

	<i>Germany</i>				<i>France</i>				
	<i>Present Society</i>	<i>Gradual Reform</i>	<i>Revolutionary Change</i>	<i>N</i>	<i>Present Society</i>	<i>Gradual Reform</i>	<i>Revolutionary Change</i>	<i>N</i>	
Middle class	17%	80%	2%	(699)	9%	84%	7%	(737)	
Working class	22	76	2	(725)	15	79	6	(605)	
Farm	24	74	2	(170)	13	84	4	(223)	
		<i>Italy</i>				<i>Netherlands</i>			
		<i>Present Society</i>	<i>Gradual Reform</i>	<i>Revolutionary Change</i>	<i>N</i>	<i>Present Society</i>	<i>Gradual Reform</i>	<i>Revolutionary Change</i>	<i>N</i>
Middle class		9%	82%	9%	(654)	13%	81%	6%	(722)
Working class		11	81	9	(392)	17	75	9	(330)
Farm		15	80	6	(206)	27	65	9	(71)
		<i>Belgium</i>				<i>United States</i>			
		<i>Present Society</i>	<i>Gradual Reform</i>	<i>Revolutionary Change</i>	<i>N</i>	<i>Present Society</i>	<i>Gradual Reform</i>	<i>Radical Change</i>	<i>N</i>
Middle class		11%	85%	4%	(522)	28%	63%	9%	(603)
Working class		20	76	4	(370)	28	59	13	(682)
Farm		24	75	2	(55)	40	55	5	(88)
		<i>Switzerland</i>							
		<i>Present Society</i>	<i>Gradual Reform</i>	<i>Revolutionary Change</i>	<i>N</i>				
Middle class		23%	75%	2%	(857)				
Working class		32	65	2	(547)				
Farm		46	54	1	(127)				

^a European data from 1970 European Community survey, American data from 1973 survey; British data not available.

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.213).

As razões ou fontes da mudança de valores

Muitas das reações críticas imediatas, na nossa visão, são hoje já muito pouco relevantes, pois foram, entretanto, ultrapassadas pela mudança de situação económica e social. Vamos, pois, deter-nos num problema fundamental, tanto para Inglehart como para os seus críticos: as razões da mudança como substituição de gerações ou mudanças de atitude no ciclo de vida.

Para verificarmos se o “pós-materialismo” é apenas uma etapa no ciclo de vida, como muitos dos seus críticos mais imediatos sugeriram, teríamos não só que analisar populações com culturas e histórias semelhantes, mas também fazê-lo ao longo de um período de tempo significativo, que incluisse nomeadamente ciclos económicos de expansão e depressão. Tal era na altura impossível.

Para descobrir a raiz da mudança de valores, além disso, seria necessário analisar também, durante um longo espaço de tempo, o que aparenta ser o fator mais óbvio: a educação, ou melhor, o nível de escolaridade. Tudo indica que, quanto mais elevado o nível de educação, maior a probabilidade de o indivíduo apresentar valores pós-materialistas.

Para Inglehart isto era claro já em 1971, pois até os menos informados sobre a situação política mas com mais educação revelaram maior incidência de valores pós-materialistas por comparação com os mais informados, mas com menor nível de educação. Inglehart apresenta, como exemplos, os casos da Itália e Holanda (ver Tabela 6).

Tabela 6: Valores por nível de educação, controlando a informação (Amostra combinada de cinco nações, 1971)

<i>Respondent's Education:</i>	<i>Low Information Level</i>			<i>High Information Level</i>		
	<i>Mats.</i>	<i>P.-Mats.</i>	<i>N</i>	<i>Mats.</i>	<i>P.-Mats.</i>	<i>N</i>
Primary school	52%	5%	(2,522)	43%	7%	(1,699)
Secondary or beyond	36	11	(1,849)	30	18	(2,366)

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.78).

Inglehart tenta, além disso, provar que a correlação entre “classe” e “valores” está a desaparecer. É impossível determinar os valores de alguém apenas com base no estatuto socioeconómico tanto do próprio como da família (o indicador usado é o estatuto do pai: ver Tabela 7).⁵⁹

Tabela 7: Valores pelo Estatuto Socioeconómico do Pai e por Estatuto Socioeconómico do Respondente

	<i>By Father's S.E.S.</i>			<i>By Respondent's S.E.S.</i>		
	<i>Mats.</i>	<i>P.-Mats.</i>	<i>N</i>	<i>Mats.</i>	<i>P.-Mats.</i>	<i>N</i>
Low	45%	8%	(5,196)	47%	6%	(2,265)
Medium	37	12	(1,740)	39	10	(2,207)
High	32	18	(1,487)	33	17	(2,532)
	gamma = .170			gamma = .169		

^a Data are from five-nation European sample, 1971.

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.80).

O fator mais significativo parece, pois, à primeira vista, ser o nível de educação do indivíduo. Tal explicaria a diferença entre as coortes, já que as gerações mais jovens têm um nível de educação mais elevado do que as anteriores. A educação, e não as experiências formativas, seria, nesse caso, o fator determinante. Ele apresenta os valores de idade corrigidos pelo nível de educação para descartar essa hipótese e conclui negativamente (ver Tabela 8).⁶⁰

Apesar de a mudança de prioridades se estar a dar mais depressa (e em maior escala) no ambiente académico, esta alteração perpassa toda a sociedade, ainda que de forma mais lenta. Em 1971, segundo Inglehart a correlação é a que aparece representada na Figura 4 (ver Figura 4).

Inglehart explora também outras variáveis, mas acaba por minimizar o seu peso explicativo. Tem em conta, nomeadamente, a disseminação de valores pós materialistas por sexo, religião, entre outros.⁶¹

⁵⁹ Ibid, 80.

⁶⁰ Ibid, 82.

⁶¹ Ibid, 91. Ver Tabela 3.8.

Tabela 8: Valores por idade, controlando a educação em sete nações *

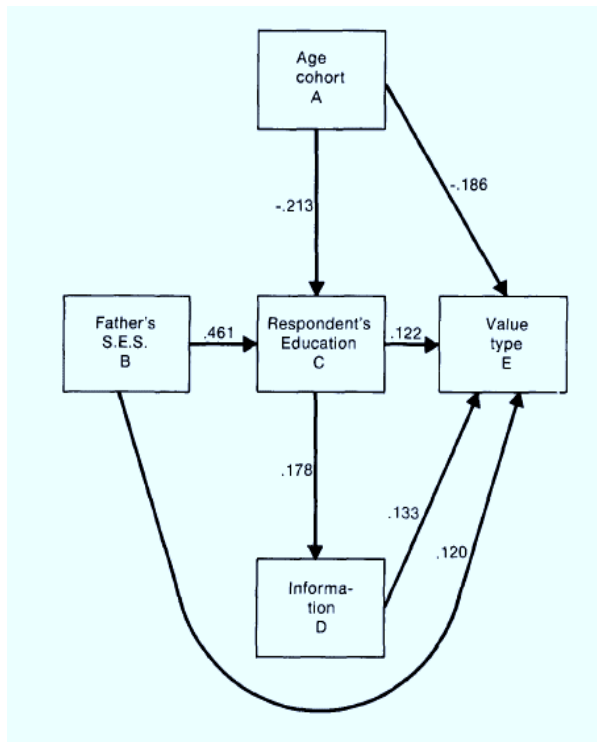
Ages:	Respondent's Education								
	Primary			Secondary			University		
	Mats.	P.- Mats.	N	Mats.	P.- Mats.	N	Mats.	P.- Mats.	N
16-24	31%	13%	(1,139)	23%	22%	(1,995)	13%	39%	(429)
25-34	38	8	(1,839)	30	15	(1,635)	16	37	(362)
35-44	44	7	(2,169)	33	13	(1,325)	19	31	(259)
45-54	44	6	(2,119)	34	14	(1,015)	25	20	(165)
55-64	49	6	(2,175)	37	9	(693)	36	12	(122)
65+	52	4	(2,221)	51	4	(535)	34	12	(123)
Spread between youngest and oldest cohorts	+21	-9		+28	-18		+11	-27	

* Based on combined results of the 1970 and 1971 European surveys, plus the American survey of May, 1972.

Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.82).

Figura 4: Influências sobre o tipo de valor.

Análise de 5 nações Europeias em 1971. Inclui apenas os tipos de valores polares (N =4,406). São apresentados coeficientes de regressão parcial padronizados para cada trajetória. R múltiplo = .358.



Fonte: Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press (p.86).

Balanço da Hipótese de Inglehart sobre os Mecanismos da Mudança Política

É certo que as críticas mais imediatas punham em dúvida o corte que Inglehart sugere entre pertença de classe e atitudes face ao sistema político, mas não se pode dizer que a sua teoria se possa descartar facilmente por falta de reflexão sobre o conceito de poder. Pelo contrário, Inglehart tinha explorado o problema com grande detalhe.⁶²

O potencial e magnitude de mudança futura também não foi descurado: o próprio autor reconhece que esta mudança de valores não é irreversível.⁶³

Mas, com efeito, tinha concluído que a maior parte das flutuações a curto prazo são pouco mais do que “ruído”.⁶⁴ O caso mais emblemático para ele é o caso alemão, pois a economia e o sistema político do país sofreram mudanças mais rápidas do que a maioria das outras nações estudadas, passando de um país devastado e traumatizado pela guerra a uma nação enriquecida.⁶⁵ O mesmo se constata no caso do Japão, mas de forma muito mais lenta. É nestes países que é mais fácil observar a mudança de prioridades entre coortes relativamente próximas em idade, pois as mudanças das suas experiências no período formativo foram também mais nítidas.

⁶² Na análise de Russell Dalton temos o GDP de 11 “coortes”, de 8 países onde vemos que os valores são criados pelas experiências obtidas pelos cidadãos ainda em tenra idade, além de um efeito de saturação, o impacto da prosperidade afeta, como é de esperar, pessoas de nível económico baixo mais do que pessoas de classe alta, e, apesar de usar as mesmas variáveis e estudar o mesmo caso, ao tomar o indivíduo como unidade de análise ele explica praticamente quatro vezes mais que o autor.

⁶³ Mas para termos uma ideia do seu efeito, temos pessoas maiores de idade que estão tão mais educadas que as que estão a morrer que precisaríamos de fechar as escolas por décadas para que os seus efeitos não avancem.

⁶⁴ Note-se que no mesmo período, entre maio de 1973 e 74, num ano de deterioração económica, se nota igualmente um pequeno aumento nos valores pós-materialistas.

O mesmo acontece na Europa, mas o aumento parece quase insignificante comparado com o aumento na viragem da década de 60 para 70. Vemos que os jovens são particularmente maleáveis, o que é normal devido à sua falta de identidade política, havendo um aumento dos valores materialistas na classe jovem, mas espantosamente houve um decréscimo dos mesmos nas camadas mais velhas.

O autor atribui isto a motivos históricos e necessidades que agora se encontram saciadas depois de um período de guerra e não a “life-cycles”. Mas está, ainda assim, convencido da sua importância e do seu efeito cumulativo. Comparando, por exemplo, os dados de 74 com os 73, nota que 39% da população passou de uma ênfase em valores materialistas para pós-materialistas, uma mudança avassaladora e até estranha, porque de acordo com o modelo, os valores deviam ser algo mais estático que as formas participação política, como as afiliações políticas.

⁶⁵ Em 1947 62% dos alemães do Oeste preferiam governos que mantivessem a paz e segurança económica face aos americanos onde 83% preferia um governo que se focasse na liberdade. Uma questão semelhante foi feita aos alemães desde 1949 até 1970, se preferiam liberdade de expressão, religião, serem livres do medo ou da necessidade. Expressão e necessidade foram as respostas mais escolhidas, necessidade tendo prioridade em períodos de recessão, mas a liberdade de expressão sendo a resposta mais escolhida no início da década de 70, tudo isto mostrando mudanças nas gerações e um aumento de valores pós-materiais.

O autor procura, ainda assim, afastar as simplificações excessivas: o maior bem-estar muda as prioridades, mas não traz “felicidade”, – aqui entendida como um indicador empírico de satisfação subjetiva. A satisfação subjetiva geral pouco varia entre os grupos sociais e, ao mesmo tempo, elevados graus de satisfação são facilmente abalados: mudanças favoráveis podem ser neutralizadas por aspirações ambiciosas ou por uma mudança de valores.

Os cidadãos “pós-materialistas” não mostram mais satisfação apesar dos seus interesses requererem menos bens materiais. Pelo contrário, nos inquéritos, os pós-materialistas mostravam menos satisfação sociopolítica que os materialistas e um maior potencial para revolucionar a sociedade – de que o Maio de 68 e outros movimentos de protesto político da altura seriam a expressão mais visível.

Capítulo IV

Quarenta anos de evolução dos valores

A teoria de Inglehart, como afirmámos em capítulos anteriores, tinha grande potencial preditivo. Assim, uma questão importante que se levanta naturalmente é a infirmação ou confirmação da teoria. O modelo aplica-se apenas a um momento da história do Ocidente ou representa uma tendência duradoira (eventualmente aplicável até noutras regiões do globo)?

Parece hoje fora de dúvida que num momento particular da vida da Europa (e do Ocidente em geral) Ronald Inglehart desempenhou um papel pioneiro ao teorizar o que era já patente, mas não estava adequadamente estudado e, menos ainda, medido ou explicado em termos sociológicos. Os europeus mais jovens estavam agora imbuídos de valores substancialmente diferentes dos que caracterizaram a geração que sofreu a Grande Depressão, a II Guerra e a reconstrução de uma Europa destruída e dividida.

A geração anterior valorizava especialmente a segurança material e a ordem interna, mas os mais jovens, que tinham sido poupados àquelas experiências, tinham tendência a valorizar antes novas liberdades políticas, formas de participação mais ativas que o voto, e partilhavam valores como a “autorrealização” individual.

Inglehart começou por descrever em 1971 estas diferentes prioridades como “aquisitivas” e “pós-burguesas”, mas posteriormente, no livro *Revolução Silenciosa* de 1977, mudou de terminologia, usando os termos “materialista” e “pós-materialista”. Após o debate com Flanagan – cujos estudos e teses sempre tratou como uma exceção – mostrou-se propenso a descrever o mundo político como marcado por uma clivagem entre os polos liberal e autoritário, e nas obras mais recentes usa crescentemente a expressão “reflexo autoritário”.

Valores e política

Embora os inquéritos em que se baseou se referissem a um pequeno grupo de países e apenas no período 1970-1973, já em 1977 especulava que as diferenças entre os grupos etários resultariam provavelmente de diferenças na socialização dos europeus mais jovens e mais velhos e estabeleceu uma relação (parcial) com os níveis de educação dos mais jovens.⁶⁶

Nem todo o trabalho sociológico do autor da década anterior e das décadas seguintes está centrado no estudo de valores. Inglehart investiga também mudanças nos sistemas partidários numa obra publicada em 1976⁶⁷ e a partir de 2000 publica sobre temas como a relação entre democratização e modernização,⁶⁸ a crescente igualdade de sexo,⁶⁹ a relação entre religião e política⁷⁰ e os efeitos dos media na cultura mundial.⁷¹

Contudo, mesmo quando se debruça sobre estes temas diferentes, o centro de gravidade dos seus trabalhos está na mudança de valores e persegue, em âmbitos diferentes, as intuições da sua análise inicial.⁷² Como vimos, apesar de a obra ter despertado o interesse de investigadores desde a sua publicação, nem sempre as referências são admirativas ou convergentes: o trabalho é objeto de profundas críticas, que começaram em 1973 e continuam até muito recentemente. Mesmo as obras convergentes denotam mais interesse no problema que estuda do que propriamente na tese de Inglehart. Mais genericamente, debate-se a fecundidade dos conceitos que forja em volta da expressão “pós-materialismo”, que, como vimos, gerou numa fase inicial grande ceticismo entre os seus pares.

⁶⁶ Abramson, R. (2011). *Critiques and Counter-Critiques of the Post-materialism Thesis: Thirty-four Years of Debate*. UC Irvine: Center for the Study of Democracy. Consultado em maio 18, 2020, em <https://escholarshi.org/uc/item/3f72v9q4>. Utilizamos e referenciamos as páginas a partir desta versão digital, pois não tivemos acesso ao texto original.

⁶⁷ Inglehart, R., & Klingemann, H.D. (1976). Party identification, ideological preference and the left-right dimension among western mass publics. *In Party identification and beyond: representations of voting and party competition*, ed. Ian Budge, Ivor Crewe, and Dennis J. Farlie. New York: Wiley, 243-273.

⁶⁸ Inglehart, R., & Welzel, C. (2005). *Modernization, Cultural Change, and Democracy: The Human Development Sequence*. New York: Cambridge University Press.

Welzel, C., & Inglehart, R. (2005). Liberalism, Postmaterialism, and the Growth of Freedom. *International Review of Sociology* 15 (March), 81-108.

⁶⁹ Inglehart, R., & Norris, P. (2003). *Rising Tide Gender Equality and Cultural Change around the World*. New York: Cambridge University Press.

⁷⁰ Norris, P., & Inglehart, R. (2004). *Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide*. New York: Cambridge University Press.

⁷¹ Norris, P., & Inglehart, R. (2009). *Cosmopolitan Communications: Cultural Diversity in a Globalized World*. New York: Cambridge University Press.

⁷² Tanto o artigo de 1971, como o livro 1977, destacam-se pelo número de citações em outros trabalhos académicos—um indicador do seu impacto— que coloca Inglehart ainda hoje entre os cientistas políticos mais citados das últimas décadas.

Confirmação empírica posterior

Aparentemente, a sua teoria passou a prova do envelhecimento. A acumulação de estudos empíricos que originou ou acompanhou fez da teoria de Inglehart, para usar as palavras de Gabriel Almond, “um dos poucos exemplos de previsão bem-sucedida em ciência política”.⁷³

Em 1995, Max Kaase e Kenneth Newton, no tomo *Beliefs in Government*⁷⁴ de um enorme trabalho de investigação, apresentam o que consideram “provas esmagadoras” de uma mudança na direção do pós-materialismo, concomitante com o afastamento dos valores religiosos e de uma redefinição do *continuum* esquerda/direita. Elinor Scarbrough, na sua contribuição para o estudo, depois de analisar as orientações materialista/pós-materialista, conclui que “indiscutivelmente, em grande parte da Europa Ocidental, as orientações de valores estão a mudar”.⁷⁵

Os editores desse volume abraçam não só a constatação da mudança, mas a tese de Inglehart sobre o modo como esta se processa: “Encontramos um apoio substancial ao modelo que traça as mudanças sociais para as mudanças de valor e valoriza as mudanças nas atitudes e comportamentos políticos, *especialmente através do processo de substituição geracional*”.⁷⁶ (sublinhado nosso).

E Russel Dalton, em 2008, repete que, embora nas últimas décadas, os investigadores tenham avançado teorias diversas para explicar como os valores estão a mudar, a investigação de Inglehart é ainda a mais influente.⁷⁷ Mas influência não é sinónimo de consenso.

Há uma dificuldade inerente à origem da teoria que Milton Rokeach tinha apontado logo em 1973: “pode objetar-se, contudo, que o modelo em dois valores não é um modelo a-histórico. A orientação para a igualdade e liberdade subjacente às ideologias ou orientações políticas aqui selecionadas para estudo (...)”

⁷³ É o comentário de Gabriel Almond na contracapa da obra de Inglehart: Inglehart, R. (1990). *Culture Shift in Advanced Societies*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

⁷⁴ Kaase, M., & Newton, K. (1995). *Beliefs in government* (Vol. 5). New York e Oxford: Oxford University Press.

⁷⁵ Scarbrough, E. (1995). Materialist-Postmaterialist Value Orientations. In: *Beliefs in Government*, Vol. 4: *The Impact of Values*, New York e Oxford: Oxford University Press, 156.

⁷⁶ Kaase, M., & Newton, K. (1995), *Beliefs in Government*, Vol. 5: *Beliefs in Government*. New York: Oxford University Press (61).

⁷⁷ Dalton, R. (2008). *Citizens Politics: Public Opinion and Political Parties in Advanced Industrial Democracies* (5th ed.). Washington, D.C.: CQ Press (81).

não pode certamente ser generalizado a ideologias que prevaleceram há mil anos ou àquelas que poderão prevalecer daqui a mil anos”.⁷⁸

Abramson, que colabora com Inglehart, descarta em 1997 a objeção como essencialmente inverificável, mas o problema não pode, na nossa visão, ser tão facilmente ignorado. O que é a “experiência” formativa na origem do pós-materialismo? Se é fácil de compreender a mudança de prioridades da nova geração abastada que não sofreu as privações da recessão e da guerra, como compreender o que continua a produzir a mudança de valores nas vagas sucessivas de gerações subsequentes?

Que “experiência” formativa está na origem das gerações do pós-pós-materialismo? É que não só Inglehart, mas até os seus críticos confirmam que a mudança prossegue, muito depois do fenómeno socioeconómico que parecia ter desencadeado o seu início. É uma tendência intemporal e a-espacial? Uma espécie de lei sociológica da história, como sugerem Immanuel Kant ou John Stuart Mill quando falam de um progresso indefinido enraizado na razão ou mesmo na natureza humana?

As “causas” da mudança de valores: os debates entre Inglehart e os seus críticos

Tanto William Lafferty e Oddbjørn Knutsen⁷⁹ como James Savage, em 1985,⁸⁰ tinham feito uma primeira reavaliação da teoria quinze anos depois da sua primeira articulação. Os primeiros declaram:

Nos doze anos desde que a “revolução silenciosa” de Ronald Inglehart (1971) despertou pela primeira vez o interesse e a imaginação dos investigadores por todo o mundo, tem havido uma intensidade de análise e debate que caracteriza apenas a mais frutuosa e controversa das perceções. A literatura já é tão extensa que constitui uma subdisciplina de “estudos pós-materialistas” (...) e ainda não há sinais de que o problema tenha perdido o seu fascínio generalizado.⁸¹

⁷⁸ Rokeach declara “Infelizmente, não podemos medir as atitudes humanas de há mil anos atrás ou mesmo durante o século XIX. Como tenho salientado, uma limitação fundamental da investigação da Inglehart, bem como do trabalho de outros comparativistas, é que eles ‘estavam a estudar uma única espécie num único planeta’” Ver Rokeach, M. (1973). *The Nature of Human values*. New York: Free Press (185-86).

Ver também Abramson, R. (2011). *Critiques and Counter-Critiques of the Post-materialism Thesis: Thirty-four Years of Debate*. UC Irvine: Center for the Study of Democracy, 3. Consultado em maio 18, 2020, em <https://escholarshi.org/uc/item/3f72v9q4>.

⁷⁹ Lafferty, W.M., & Knutsen, O. (1985). Postmaterialism in a Social Democratic State: An Analysis of the Distinctiveness and Congruity of the Inglehart Value Syndrome in Norway. *Comparative Political Studies* 17 (January), 411-30.

⁸⁰ Savage, J. (1985). Postmaterialism of the Left and Right: Political Conflict in Postindustrial Society. *Comparative Political Studies* 17 (January), 431-51.

⁸¹ Lafferty & Knutsen. (1985). *Postmaterialism in a Social Democratic State: An Analysis of the Distinctiveness and Congruity of the Inglehart Value Syndrome in Norway* (411).

A investigação do primeiro grupo de autores está centrada na Noruega.⁸² Lafferty e Knutsen medem também necessidades psicológicas, necessidades sociais e necessidades de autorrealização. Desenvolvem ainda uma medida de valores democráticos, na qual os inquiridos são convidados a classificar as suas preferências entre seis valores: segurança jurídica, igualdade, tolerância, participação na tomada de decisões, liberdade e solidariedade.⁸³

Dado o carácter inovador de algumas das suas novas medidas, podíamos esperar diferenças significativas, mas os itens materialismo/pós-materialismo revelam tendências muito semelhantes às que Inglehart previra: “Os materialistas valorizam o combate ao crime, um bom lar, o cumprimento do dever de casa e a segurança jurídica; os pós-materialistas valorizam uma sociedade menos impessoal, amigos, consideração e o envolvimento na tomada de decisões. Ronald Inglehart poderia ter composto esta lista.”⁸⁴

Todavia, James Savage ainda questiona o argumento de Inglehart de que a tendência para o pós-materialismo terá as consequências políticas que este prevê.⁸⁵ Como afirma:

Os pós-materializadores de Inglehart não são um grupo unificado a marchar ao ritmo de um único baterista. Existem fações importantes dentro dos pós-materializadores que têm a sua origem nas divisões pré-industriais e industriais existentes na Europa que se refletem em desacordos ideológicos. Esta divisão cria a possibilidade distinta de conflito entre os pós-materialistas da esquerda e da direita na coorte pós-1945.⁸⁶

⁸² Como diz Abramson: William Lafferty e Oddbjørn Knutsen, “esperavam que o conceito de pós-materialismo não funcionasse bem na Noruega, um Estado com uma forte tradição socialista em que o domínio do Partido Trabalhista estava a recuar. Para testar a dimensionalidade do pós-materialismo na Noruega, utilizaram um inquérito retirado do registo nacional da população adulta entre os 18 e os 65 anos, entrevistando mais de 1.000 inquiridos. Utilizaram doze itens de valor de escolha, mas modificaram a sua administração e mudaram o objetivo das “cidades bonitas” para “proteger a natureza da poluição” (...). Uma análise dos fatores revelou duas dimensões. Eles também construíram uma medida para “Materialistas de Esquerda” e “Materialistas de Direita”. (...). [Lafferty e Knutsen] Concluem que “o pós-materialismo no estado social-democrata da Noruega é uma componente de valor claramente subordinado ao longo do continuum esquerda-direita”. Também relatam, embora os materialistas tendam a ser de direita e os pós-materialistas tendam a ser de esquerda, a relação entre eles é baixa ($r = .29$.” Abramson. (2011). *Critiques and Counter-Critiques of the Postmaterialism Thesis: Thirty-four Years of Debate* (11).

Ver Lafferty & Knutsen. (1985). *Postmaterialism in a Social Democratic State: An Analysis of the Distinctiveness and Congruity of the Inglehart Value Syndrome in Norway* (414-418).

⁸³ Lafferty & Knutsen. (1985). *Postmaterialism in a Social Democratic State: An Analysis of the Distinctiveness and Congruity of the Inglehart Value Syndrome in Norway* (411).

⁸⁴ Ibid, 425-26. Embora “proteger a natureza” tenha uma ligeira polaridade Pós-Materialista. Nem um único fator de carga superior a .10 está fora de linha com a tese pós-materialista” (Ibid, 435).

⁸⁵ “Analisa a mesma amostra europeia de 1973 de nove nações que Inglehart (1977) utiliza e reproduz a medida de quatro itens de Inglehart. Embora comece com uma amostra de 13.484 europeus, descarta aqueles classificados com valores “mistos”, cortando seu N para 5.314. Usando uma escala de autocolocação esquerda-direita, ele divide a amostra em quatro grupos: ML (Materialistas de esquerda), MR (Materialistas de direita), PML (Pós-materialistas de esquerda) e PMR (Pós-materialistas de direita). Mostra a distribuição para cada um dos nove países (França, Bélgica, Países Baixos, Alemanha Ocidental, Itália, Luxemburgo, Dinamarca, Irlanda e Grã-Bretanha). Divide também estes resultados em dois coortes: um pré-1945 e um pós-1945. Em seguida, passa para uma amostra combinada de nove nações e examina as características destes quatro grupos, dividindo os resultados em duas coortes básicas.” Abramson, R. (2011). *Critiques and Counter-Critiques of the Postmaterialism Thesis: Thirty-four Years of Debate*. UC Irvine: Center for the Study of Democracy (9).

⁸⁶ Savage, J. (1985). Postmaterialism of the Left and Right: Political Conflict in Postindustrial Society. *Comparative Political Studies* 17 (January), 448.

Inglehart escreve em resposta aos seus críticos, mas é em geral muito positivo. Sobre Lafferty e Knutsen, por exemplo, declara que a sua “investigação (...) exaustiva da relação entre as prioridades materialistas/pós-materialistas e os valores pessoais, os valores de carácter e os valores democráticos do indivíduo”⁸⁷ parece revelar um padrão de ligações generalizado e coerente.

Inglehart concede também a Savage de que não existe uma relação forte entre o pós-materialismo e uma autoidentificação à esquerda. Mas enquanto Savage vê esta conclusão como contraditória com a sua teoria, Inglehart argumenta que é isso que espera. Dados os antecedentes sociais, há muitos pós-materialistas que estão predispostos a apoiar partidos à direita do espectro político. Mas acrescenta que os antigos alinhamentos partidários tradicionais estão em erosão, o que é particularmente evidente no declínio da votação em função da classe social.

Efeitos do “ciclo de vida”

Se Inglehart responde sumariamente a Lafferty/Knutsen e Savage, em compensação dá muita atenção à discussão de Böltken e Jagodzinski sobre o efeito dos ciclos económicos na substituição de valores.

Inglehart apresenta a sua própria análise das coortes, apresentando um período de tempo mais longo que o estudado anteriormente, estendendo as suas observações de 1970 a 1984 (combinando os seus questionários com outros inquéritos quando existentes) e ponderando os países de acordo com a sua dimensão.

Embora declare que nunca defendeu o que os outros chamam a versão “core”, quer dizer, a ideia de que a mudança em curso é invulnerável ao efeito de ciclo, Inglehart insiste que, nas seis nações para as quais existem agora dados disponíveis desde 1970 até 1984, há um forte peso do fator coorte etária – com as gerações anteriores a revelarem valores mais materialistas do que as coortes de nascimento mais novas.

⁸⁷ Inglehart, R. (1985). New Perspectives on Value Change: Response to Lafferty and Knutsen, Savage, and Böltken and Jagodzinski. *Comparative Political Studies* 17 (January), 486.

A interpretação de Böltken e Jagodzinski parece-lhe insustentável face ao conjunto de provas que nesta altura já estão disponíveis.⁸⁸ Os resultados do estudo baseado na Alemanha parece-lhe ter origem no calendário escolhido e de uma anomalia de amostragem nos dados do Eurobarómetro da Alemanha Ocidental.

A controvérsia com Scott Flanagan: é a oposição materialista/pós-materialista relevante?

Uma crítica de natureza completamente diversa é a de Scott Flanagan e Aie-Rie Lee, que deu origem a um debate que persiste de 1979 a 2003 e não teve ainda conclusão.

Segundo Flanagan, que se tinha mostrado inicialmente interessado e até intrigado pela dicotomia de Inglehart, a construção da teoria em termos de “materialismo”/“pós-materialismo” não capta as mudanças de valor mais importantes que ocorrem na sociedade moderna.⁸⁹

Flanagan⁹⁰ argumenta que se deve distinguir entre valores “tradicionais” e “liberais”. O seu ponto de apoio inicial são estudos sobre o caso japonês. Flanagan⁹¹ conclui que a educação é o fator que tem mais importantes consequências na formação de atitudes – muito superior, segundo o autor, a qualquer experiência social no período formativo. Inglehart⁹² não nega a especificidade do caso japonês, mas vê a oposição que Flanagan sugere por oposição à sua (quer dizer, a oposição “autoritária/libertária”) como algo distintamente japonês.

Flanagan continuou posteriormente, apesar da resposta de Inglehart, a argumentar que a escala materialismo/pós-materialismo de Inglehart não mede uma única dimensão de valores, e que uma outra dimensão, que pode ser descrita pela oposição entre valores libertários/valores autoritários é fundamental.⁹³

⁸⁸ Inglehart. (1985). *New Perspectives on Value Change: Response to Lafferty and Knutsen, Savage, and Böltken and Jagodzinski* (495).

⁸⁹ Flanagan, S.C. (1979). Value Change and Partisan Change in Japan: The Silent Revolution Revisited. *Comparative Politics* 11 (April), 253.

⁹⁰ *Ibid.*, 259.

⁹¹ *Ibid.*, 265.

⁹² Inglehart, R. (1982). Changing Values in Japan and the West. *Comparative Political Studies* 14, January, (476).

⁹³ Ele sustenta que as análises factuais deste novo conjunto de dados mostram que vinte e um itens devem ser classificados em três dimensões: libertário, materialista e autoritário.

Com efeito, Flanagan volta a entrar nesta controvérsia em 2003, tentando ir para além do caso japonês.⁹⁴ Baseando-se nos dados da World Values Survey de 2000, seleciona doze países que tinham um PNB em 1990 de 10.000 dólares ou mais: Áustria, Bélgica, Grã-Bretanha, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Países Baixos, Espanha, Suécia e Estados Unidos e, num estudo publicado com Lee, constrói um indicador que representa a mudança de valores entre autoritarismo e liberalismo. A métrica, argumentam eles, encapsula todo o progresso ao longo da história humana e nela "podemos ver uma progressão linear contínua do teísmo medieval, através do modernismo para o pós-modernismo".⁹⁵

Os autores discutem as consequências da mudança de valores, mostrando a correlação da sua medida com indicadores de satisfação, alienação, confiança e identificação com a ideologia de esquerda. Estes investigadores coincidem com Inglehart na utilidade progressivamente reduzida das antigas dicotomias esquerda/direita baseadas na ideia de classe para explicar os fenómenos políticos. No entanto, argumentam⁹⁶ que a mudança que identificaram é mais frutífera para prever e explicar a mudança política, descrevendo implicações sobre a qualidade de vida, a autonomia no emprego, o papel dos militares e o ritmo da mudança política.

⁹⁴ Flanagan, S.C., & Lee, Aie-Rie. (2003). The New Politics, Culture Wars, and The Authoritarian-Libertarian Value Change in Advanced Industrial Democracies. *Comparative Political Studies* 36, April, 235-270.

⁹⁵ Ibid, 237.

⁹⁶ Ibid, 256-257.

Balanço e problema: Porque persiste a mudança?

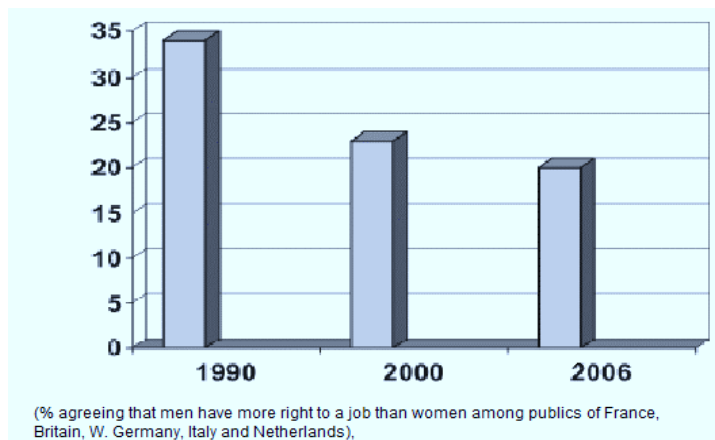
Inglehart impulsiona, entretanto, um conjunto de inquéritos regulares, os World Values Survey, que está neste momento na sua 7ª edição.⁹⁷ Os dados parecem confirmar o principal mecanismo através do qual a mudança de valores se dá: a substituição de gerações. Em 2008, faz um ponto da situação desta evolução desde o início do período em estudo (1980) até à altura que publica o seu balanço.

De acordo com os inquéritos do World Values Survey, as atitudes face à igualdade entre sexos, por exemplo, sobre a qual escreve com Pippa Norris o importante livro de 2003 a que já nos referimos, a mudança de atitudes parece claramente ligada à substituição de gerações (ver Figura 5).

Em alguns países, pelo menos, a tendência parece continuar e estar fortemente correlacionada com a pertença às diferentes coortes etárias. Tomando apenas um indicador de uma espécie de valores a que já não chama pós-materialista, mas de “autoexpressão”, os países ocidentais que estudou revelam o peso da pertença geracional na adoção de novos valores (ver Figura 6).

Mas a explicação em função das experiências da geração do pós-guerra por oposição à geração da depressão e da guerra deixou de fazer sentido e tem que ser revista ou ampliada. Inglehart regressa ao tema numa obra recente sobre o que designa por “*evolução cultural*”.

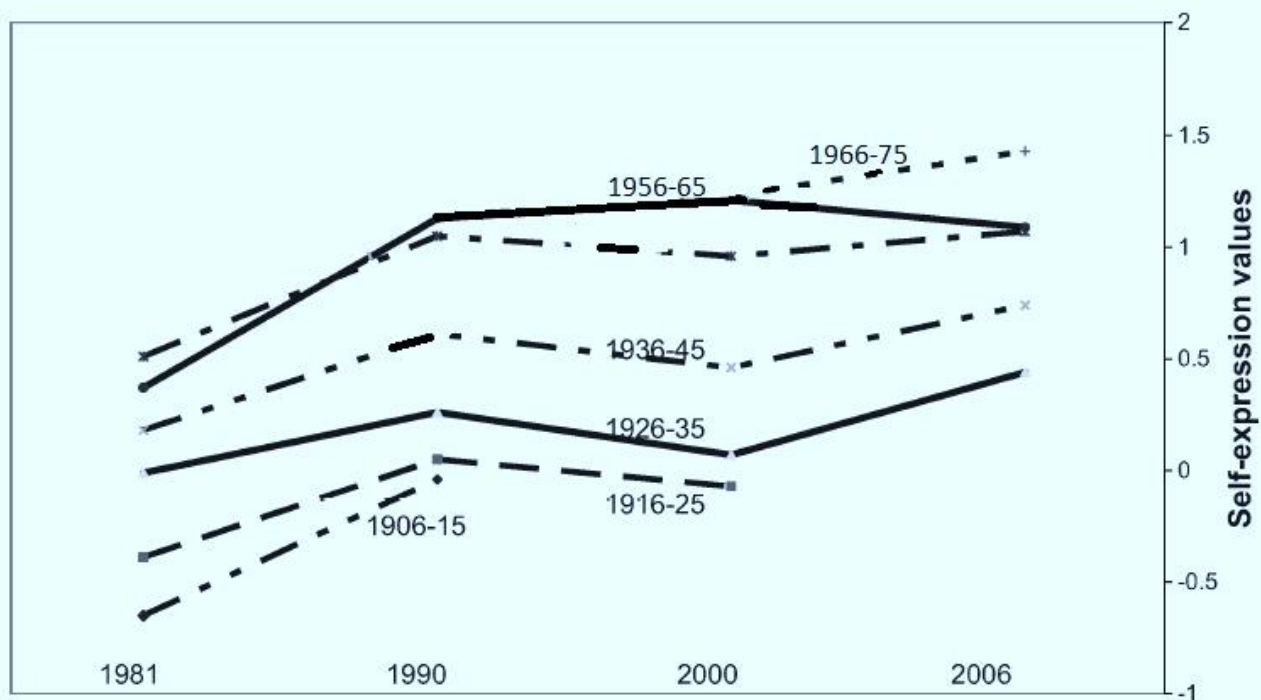
Figura 5: Mudança de atitudes para com igualdade de género, 1990-2006



Fonte: Inglehart, R. F. (2008). Changing values among western publics from 1970 to 2006. *West European politics*, 31(1-2). 144.

⁹⁷ World Values Survey <http://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>

Figura 6: Valores de autoexpressão por coorte etária, 1981-2006



Note: Mean scores on self-expression values dimension combined data from France, Britain, W. Germany, Italy and Netherlands.

Fonte: Inglehart, R. F. (2008). Changing values among western publics from 1970 to 2006. *West European politics*, 31(1-2), 141.

Capítulo V

Os valores na transição do milênio: sobrevivência e expressividade

Na versão inicial da teoria, o fator mais importante no desencadear da mudança de valores é a importância das circunstâncias da formação de cada geração. Segundo o autor, os valores e os comportamentos dos indivíduos são moldados pelo grau em que a sobrevivência é assegurada. Quando não existe segurança material ou física, os indivíduos tendem a “fechar fileiras” contra os de fora (*outsiders*). Mais recentemente, Inglehart veio a defender que tal estratégia implica seguir líderes fortes, formando assim uma frente unida contra aqueles que vêm de fora.

A partir do momento em que se tornou óbvio que havia um certo voltar atrás em relação ao que, poucos anos antes, lhe parecia uma tendência inelutável, Inglehart batizou este fenômeno como reflexo autoritário (*Authoritarian Reflex*) e incorporou a ideia no seu modelo.

Recapitemos: no seu livro de 1977 (*Silent Revolution*), Inglehart constatou, depois da II Grande Guerra, um grande aumento daquilo que o autor denomina como “segurança existencial”, que para quem nasceu neste período pós-guerra. Esta geração tomou a sobrevivência como garantida, com um sentimento de segurança que, anteriormente, não existia (Inglehart repete insistentemente que existe uma enorme diferença entre quem nasce tendo a sobrevivência como garantida e quem tem de lutar pela mesma).

Esse sentimento não era uma ilusão: deu-se realmente um grande crescimento econômico na Europa Ocidental, na América do Norte, no Japão e na Austrália, ao mesmo tempo que emergiram “redes de segurança” que visavam que quase ninguém morresse à fome. Correspondeu ainda a um grande período marcado pela ausência de guerra no ocidente.

O autor crê que ainda hoje se mantém o essencial da tese inicial. Inglehart tinha afirmado em *Silent Revolution*, e em 2018 cita essa mesma obra em *Cultural Evolution*: “Pode estar a ocorrer uma transformação na cultura política das sociedades industriais avançadas. Esta transformação parece estar a

alterar as prioridades básicas de valor de determinadas gerações em resultado da mudança das condições que influenciam a sua socialização básica”.⁹⁸

Na sua primeira obra sobre o assunto, como vimos, o autor baseia a sua teoria da mudança de valores intergeracionais em duas hipóteses: a experiência da “escassez” e experiência da “socialização”. A primeira hipótese defende que, apesar da liberdade e da autonomia serem valorizadas por praticamente toda a gente, as pessoas acabam sempre por dar prioridade às suas necessidades mais urgentes. Os indivíduos darão tanto mais importância à segurança material e física quanto a sua segurança está em risco: a prioridade são os valores materialistas. Pelo contrário, quando esta segurança se encontra garantida, os valores mudam. A segunda hipótese diz-nos que existe um desfasamento (*time-lag*) entre as condições materiais e a mudança de valores, dado que os valores de cada um refletem as condições por que estes passaram nos seus anos pré-adultos e que a mudança destes valores na sociedade se deve principalmente a uma substituição intergeracional das populações.

Além deste “*time-lag*” entre as substituições populacionais, existe ainda um outro desfasamento no que toca ao efeito das mudanças económicas nos efeitos políticos. Com efeito, para além do desfasamento referido anteriormente, podemos considerar mais um fator de latência, referente ao tempo necessário para que os jovens com opiniões e valores diferentes se tornem ativos politicamente.

Alguns autores criticaram, como vimos, a teoria dizendo que as diferenças encontradas por Inglehart em 1970 se devem a “*life-cycle events*” e não a mudanças intergeracionais. O autor defendeu-se sempre destas críticas, argumentando que os mais jovens não são sempre mais pós-materialistas, mas sim que apenas o são se as condições o permitirem (o que não é um dado garantido em todas as sociedades). Se uma sociedade se mantiver estagnada, tal mudança de valores não se dá. Um dos exemplos da mudança de valores é o do papel das mulheres na sociedade, que, depois de décadas de subordinação, são hoje vistas como tendo um papel de igual importância na sociedade.

No entanto, entre 1977 e 2008, a linguagem de Inglehart alterou-se significativamente. Continua a defender que crescimento económico e maior nível de segurança, quando combinados, levam a uma mudança cultural intergeracional (que mudou tanto os valores como o comportamento dos indivíduos

⁹⁸Inglehart. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World* (14).

afetados pela mesma). Mas a alteração de valores (que então designava materialistas e pós-materialistas), tem lugar dentro de uma alteração mais ampla, que chama ao menos desde 2008 “valores de sobrevivência” e “valores de autoexpressão”.

Os níveis altos de segurança existencial levam a visões e a comportamentos mais tolerantes e abertos, quer a novas ideias, quer à aceitação de “outsiders”, bem como a uma inevitável secularização. No entanto, quando os níveis de segurança existencial mudam inversamente (e baixam), não devemos espantarnos com o ressurgir do denominado “*Authoritarian Reflex*”, que se baseia em fortes ligações e solidariedade dentro de grupos, bem como numa conformidade crescente perante normas rígidas e à concomitante rejeição de quem vem de fora.

Em *Cultural Evolution. People’s Motivations Are Changing, and Reshaping the World* (2018), Inglehart argumenta que tal fenómeno explica o crescente apoio a um populismo xenófobo e autoritário e ao isolamento “nativista” (como a saída do UK da UE, bem como ao sucesso de Donald Trump).

Todavia, Inglehart é forçado agora a reconhecer que este reflexo autoritário, nos tempos atuais, já não tem as mesmas causas que tinha décadas atrás. O reflexo já não se deve a uma escassez objetiva, tendo em conta que as sociedades possuem crescentes recursos, mas a uma crescente desigualdade que, por sua vez, gera um sentimento de insegurança subjetiva. O autor acredita que esta questão política pode ser resolvida, restaurando a segurança existencial que leve a um aumento de sociedades confiantes e tolerantes, como aconteceu no pós-guerra.

Inglehart argumenta que, apesar destas mudanças serem relativamente recentes, os dados mostram que as normas subjacentes a estas mudanças ocorrem já há mais de cinquenta anos e estão na raiz das mudanças culturais que até contribuíram para a maior prioridade dada aos chamados “*self-expression values*” e levou à propagação da democracia e a uma consolidação das instituições democráticas. Esta propagação ocorreu mesmo em sociedades autoritárias e com a crescente saída da pobreza de metade da população mundial é provável que tal aconteça em mais países, à semelhança do que já aconteceu em países com grandes rendimentos.

Países que previsivelmente vão sofrer estas alterações são a China, a Índia e outros países em rápido desenvolvimento económico. Como afirma:

Além disso, os países que têm níveis elevados de valores de autoexpressão são muito mais parecidos com as verdadeiras democracias do que os países que se situam abaixo desses valores. Mas será que os valores da autoexpressão conduzem à democracia, ou será que a democracia faz emergir os valores da autoexpressão? O fluxo causal parece passar principalmente dos valores de autoexpressão para a democracia. As instituições democráticas não precisam de estar em funcionamento para que surjam valores de autoexpressão. Nos anos que antecederam a enorme onda global de democratização que ocorreu por volta de 1990, os valores de autoexpressão tinham emergido através de um processo gradual de mudança de valores intergeracionais, não só nas democracias ocidentais, mas também em muitas sociedades autoritárias. Assim, uma vez retirada a ameaça da intervenção militar soviética, os países com elevados níveis de valores de autoexpressão avançaram rapidamente para a democracia.⁹⁹

O modelo de Inglehart e a teoria da modernização

A nova apresentação da teoria é, no fundo, o que é usualmente chamado “teoria da modernização”, como ele próprio declara: a sua obra

Apresenta uma versão revista da teoria da modernização – teoria da Modernização Evolutiva – que defende que a insegurança económica e física é propícia à xenofobia, uma forte solidariedade dentro do grupo, uma política autoritária e uma adesão rígida às normas culturais tradicionais do seu grupo – e, inversamente, que condições seguras conduzem a uma maior tolerância dos grupos, abertura a novas ideias e normas sociais mais igualitárias.¹⁰⁰

É impossível fazer aqui um balanço da teoria da modernização. Mas podemos talvez restringir-nos a um aspeto que é central para a ciência política e, em particular, para o modelo mais recente de Inglehart. Há uma miríade de estudos que examinaram a relação entre desenvolvimento económico e democracia. Qualquer olhar casual¹⁰¹ mostra uma estreita relação entre regimes autoritários e países pobres e regimes democráticos e países ricos. A questão estava na agenda da investigação desde que Seymour Martin Lipset¹⁰² levantou a questão, uma década antes do artigo seminal de Inglehart. *Political Man* (1960) propunha, pela

⁹⁹ Inglehart. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World* (3).

¹⁰⁰ Ibid, 8.

¹⁰¹ Przeworski, A. et alii. (2000). *Democracy and Development: Political Institutions and Well-Being in the World, 1950-1990*. New York: Cambridge Univ. Press, 78.

¹⁰² Lipset, S.M. (1960). *Political man: the social bases of politics*, Nova York: Doubleday. especialmente 27-65.

primeira vez, um grupo de controlo e tentava uma análise quantitativa. Estudos mais recentes envolvem maior sofisticação estatística e tenta-se concluir a partir de um punhado de casos¹⁰³.

A investigação distingue dois “mecanismos causais” para explicar a correlação entre riqueza e liberalização: um processo “endógeno”, pelo qual as democracias emergem onde há ditaduras que se desenvolvem economicamente; ou as democracias nascem por outras razões, “exógenas”¹⁰⁴, mas sobrevivem mais facilmente se o fazem em países desenvolvidos (e por isso há uma acumulação de regimes liberais em países ricos). Como dizem Colen e Nelson:

O primeiro mecanismo pressupõe que as ditaduras morrem quando o país se desenvolve, porque “o país já não pode ser governado eficientemente por comando”¹⁰⁵ ou de forma mais crua porque o sistema político é determinado pelas razões económicas. É um mecanismo consistente com a teoria da modernização: há um só processo geral, que começa pela industrialização, passa pela urbanização e educação e comunicação de massas e culmina na mobilização social e política e na democratização.¹⁰⁶

Embora exista um certo consenso de que *não há* uma explicação única e outros fatores entrassem na agenda – cultura cívica, etc. – ainda muitos autores afirmam que ¹⁰⁷: é o PIB *per capita* que melhor permite prever o regime. Se assim for, a China [seria] democrática quando se desenvolver.¹⁰⁸

Note-se que esta é a previsão de Inglehart não só para a China, mas para a América do Sul, Leste europeu, etc. Ainda não aconteceu e não é claro que venha a acontecer. Mas há uma versão *soft* da teoria da modernização, mais próxima da tese de Inglehart.

¹⁰³ Przeworski et alii, *Ibid*, 111; David L. Epstein, Robert Bates, Jack Goldstone, Ida Kristensen e Sharyn O’Halloran, “Democratic transitions”, *American journal of political science*, vol. 50, nº 3, Jul 2006, Apêndice, 26-27.

Outros progressos devem-se ao aumento da amostra disponível, que tornava especialmente difícil isolar as variáveis envolvidas: das cerca de 30 democracias existentes depois da II Guerra passou-se para mais do dobro, visto que cerca de quarenta países trocaram o autoritarismo pela democracia. Cfr. Samuel Huntington, “Vinte anos depois: o futuro da terceira vaga”, in AAVV, *A invenção da democracia*, Lisboa, Fundação Mário Soares - ICS, 2000, 20.

Ainda assim o número total de transições de regime presente nos estudos é inferior à meia centena. É certo que Durkheim não se atralhou com a fraquíssima incidência de suicídios e a débil qualidade dos dados, mas ainda assim a “contagem” do número de transições de regime é certamente um caso limite na literatura sociológica.

Um Segundo obstáculo é a disparidade dos países: a democracia num país pobre como a Índia e o estável regime presidencialista americano aparecem ao menos em relação a outros países. Contudo são estados à escala de um continente, pelo que é inevitável sentir um certo desconforto quando são tratados apenas como duas exceções: porque não devem ser contados como uma única ocorrência apenas, também a América Latina, ou a Europa?

¹⁰⁴ Przeworski et alii, *Ibid*, 78.

¹⁰⁵ *Ibid*, 87.

¹⁰⁶ *Ibid*, 88-89.

¹⁰⁷ Sobre os indicadores cf. Przeworski et alii, *Ibid*, 79, 88.

¹⁰⁸ Colen, J. e Nelson, S. (2015) “Theory, History, Philosophy: The Primacy of the Political”. In: Colen, J. e Dutartre-Michaut, The Companion to Raymond Aron, New York, Palgrave, 101-103

Um segundo género de mecanismos também fora sugerido de forma algo ambígua por Lipset¹⁰⁹, mas só mais recentemente foi explorado. Assenta na hipótese de que se as democracias emergirem aleatoriamente em relação ao estágio de desenvolvimento, mas tiverem mais chances de sobreviver num país rico, há igualmente um efeito cumulativo de convergência monotónica¹¹⁰, que é igualmente consistente com a correlação entre os dois fatores.

(...) Os homens fazem surgir as democracias e o “meio” encarrega-se apenas de as fazer sobreviver. O nível de desenvolvimento parece ter “poder explicativo” quanto à sobrevivência das democracias, mas os mesmos estudos desmentem a teoria do protestantismo: se o consenso cultural ou religioso é favorável à estabilidade dos regimes, parece mais decisivo para as ditaduras.¹¹¹

As principais diferenças entre a teoria evolucionista de Inglehart e a teoria da modernização clássica é o facto de que esta última tende a classificar as suas previsões como quase certas, enquanto Inglehart não o faz, recordando que o comportamento humano é complexo e afetado por tantos fatores que é irrealista tentar fazer previsões exatas e deterministas. Julga, no entanto, que é possível fazer previsões com base probabilística, sendo algumas trajetórias da mudança social mais prováveis que outras.

No livro de 2018, no quadro de uma versão revista da teoria da modernização a que chama *Evolutionary Modernization Theory*, o autor argumenta que a insegurança económica e física conduzem à xenofobia, a uma solidariedade forte dentro de grupos, a políticas autoritárias e a uma forte aderência às normas tradicionais de grupo e que, por contraste, a segurança conduz a uma maior tolerância, a uma maior abertura e a uma aceitação de normas sociais igualitárias.

Para além desta notória diferença, existe mais uma que se destaca: enquanto a teoria clássica da modernização afirma que o avanço tecnológico e económico tende a trazer mudanças sociopolíticas mais ao menos previsíveis, a sua versão de uma “teoria da modernização evolucionária” afirma que, de facto, tal acontece por si só, mas que essas mesmas mudanças sociopolíticas são impulsionadas pelo facto da modernização ser acompanhada por mudanças de valores que fazem com que os indivíduos de sociedades economicamente avançadas tenham motivações e comportamentos diferentes.

¹⁰⁹ Lipset. (1960). *Political Man* (29,61). Que sugere além disso que o mecanismo pode funcionar em sentido inverso e a democracia ser a causa (facilitador) do desenvolvimento económico.

¹¹⁰ Przeworski *et alii*, *Ibid*, 90.

¹¹¹ Colen, J. (2010). *Futuro do Político, Passado do Historiador*. Lisboa: Moinho Velho, 318- 320.

Mesmo aquilo a que chama “reflexo autoritário” não é irracional, mas uma resposta razoável às circunstâncias:

Porque sob extrema escassez, a xenofobia é realista: se só há terra suficiente para sustentar uma tribo e outra tenta reclamá-la, a sobrevivência torna-se uma luta de soma zero entre Nós e Eles. Nestas condições, uma estratégia de sobrevivência bem-sucedida é a de a tribo cerrar fileiras atrás de um líder forte, formando uma frente unida contra os forasteiros - uma estratégia que pode ser chamada de Reflexo Autoritário. Inversamente, elevados níveis de segurança existencial abrem caminho a uma maior autonomia individual e a uma maior abertura à diversidade, à mudança e a novas ideias.¹¹²

Inglehart argumenta que o desenvolvimento económico aumenta a segurança económica e física e reduz as vulnerabilidades (mesmo a doenças, por exemplo), o que, por sua vez, conduzem à maior abertura cultural, a instituições democráticas e legislações mais liberais.

Todavia, recorda, mesmo considerando a força dos fatores económicos e do nível de segurança existencial, não nos devemos esquecer que a herança cultural tem um papel colossal, sendo que em algumas sociedades esta mesma herança resiste às mudanças. Para o autor, devemos sempre ter em consideração que os sistemas de valores refletem um balanço entre as forças da modernização e a influência da tradição.

Não obstante, segundo ele, o crescimento económico mantém a sua importância como fator (embora não como fator único), uma vez que afeta diretamente o sentimento de segurança existencial, determinando se a sobrevivência é tida como garantida ou não. A contraprova encontra-se nas notórias diferenças entre os valores e as crenças das sociedades desenvolvidas e aquelas ainda em desenvolvimento: “Por conseguinte, como veremos, os valores e crenças encontrados nas sociedades desenvolvidas diferem, de forma generalizada, dos que se encontram nas sociedades em desenvolvimento”¹¹³. Como afirmam José Colen e Scott Nelson, no seu balanço da contribuição da teoria da modernização na explicação da adesão aos valores liberais e democráticos:

Um dos pressupostos no tratamento dos dados [das teorias da modernização] é o de que existem fenómenos coletivos invariantes (democracia, desenvolvimento), cujas relações podem aparecer numa correlação, pois há relações “causais” entre os diversos sectores da realidade, economia e sistema político, religião, etc. Ora estas “regularidades sociológicas” não parecem ser intemporais. Se tivéssemos dúvidas basta posicionar-nos em dois outros momentos históricos: Em 1959, a relação entre protestantismo e democracia era tão óbvia ao

¹¹² Ibid, 8-9.

¹¹³ Ibid, 14

olhar casual como qualquer outra e a relação muito robusta: todas as democracias estáveis de Lipset eram protestantes¹¹⁴. A causalidade parece agora desmentida.

E em 1971 Robert Dahl, que não era especialmente dado a profecias, depois de mostrar que 100% das sociedades de consumo de massas (no estágio V de desenvolvimento económico) são poliarquias¹¹⁵, uma questão assente, concluía numa das predições mais espetacularmente erradas da história da teoria política: “É irrealista supor, pois que haverá alguma mudança dramática no número de poliarquias [democracias com oposição] numa geração ou duas”¹¹⁶.

Podemos evidentemente, com o benefício da visão retrospectiva, dizer que se enganaram e que hoje sabemos mais. O que implicaria que os novos e mais sofisticados métodos estatísticos produziram resultados diferentes – e com mais poder preditivo – se aplicados às amostras de Lipset ou Dahl. (...) Não dariam. O que se explica facilmente se tivermos em conta que no domínio político não há “essências” e o contexto histórico é mais do que ruído.¹¹⁷

¹¹⁴ Lipset. (1960). *Political Man: The Social Bases of Politics*. Excetuavam-se na altura o Eire e talvez o Uruguai.

¹¹⁵ Não só a “esperança de vida” sobe dos 8 para os 18 anos acima dos 1000\$ como acima dos 6.000\$ se dá “o milagre”: nenhuma democracia regressa à ditadura, o que sugere a existência de um “limiar”. Robert Dahl, embora negando uma relação linear já tinha estabelecido em 1971 um limiar, nos 800\$ de 1957 *per capita*. Ver Dahl, R. (1971). *Polyarchy. Participation and opposition*, New Haven e Londres, Yale University Press, 67-68.

¹¹⁶ *Ibid*, 208.

¹¹⁷ Colen, J. & Nelson, S. (2015). “Theory, History, Philosophy: The Primacy of the Political”. In: Colen, J. e Dutartre-Michaut, *The Companion to Raymond Aron*, New York, Palgrave, 101-103.

Balanço e reservas

Em síntese, podemos dizer que a tese da evolução cultural, ao contrário da teoria da modernização é probabilística e não determinística e o papel da força do desenvolvimento económico é indireto e não direto. Mas, no longo prazo e considerados os dois níveis de desfasamento entre condições económicas e políticas de segurança e mudança de valores, a teoria evolucionista também vê nas causas económicas o catalisador da mudança cultural.

É certo que Inglehart apresenta algumas reservas, afirmando que temos de ter em consideração emoções e fatores experienciais, e que os fatores cognitivos que identificou apenas contam parte da história. O sentimento de segurança é um fator deste género que tem uma importância fora do comum em termos explicativos em moldar as visões do mundo.

Para além do fator crescimento económico, o tipo de sociedade também desempenha um papel que afeta a mudança, posto que cada sociedade tem um clima social distinto. Um exemplo é o nível educacional, que, mesmo quando análogo em duas sociedades, pode ter efeitos diversos, que dependem das sociedades em questão. Uma das razões para tal é o componente cognitivo da educação ser *irreversível*, mas o do senso de segurança e autonomia não: “A componente cognitiva da educação é em grande parte irreversível - enquanto o sentido de segurança e autonomia não o é”¹¹⁸.

Por que razão assistimos, então, à atual mudança da maré e por que razão a mudança não ocorreu sempre como previsto?

¹¹⁸ Ibid, 19

Capítulo VI

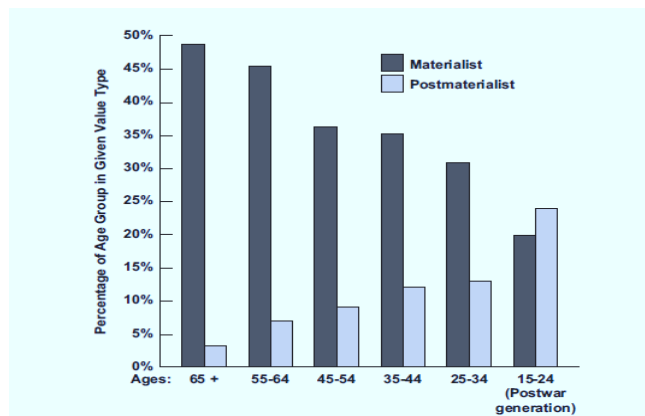
A evolução dos valores e o *backlash*

O método que optámos por seguir foi o de confrontar a obra de Inglehart com os seus críticos e examinar os “diálogos” e controvérsias académicas em que esteve envolvido. O nosso propósito não foi confirmar ou desmentir uma teoria que tantos cientistas e filósofos já criticaram e apoiaram, mas proceder a um exame dos pressupostos da teoria e de algum dos debates que suscitou.

Vamos agora transportar-nos no tempo, porque, embora Inglehart nunca tenha estado propriamente inativo, não fez alterações significativas à teoria de 2008 a 2018, até ao momento em que os fenómenos que são usualmente etiquetados como nativismo ou populismos de direita emergirem na cena política. Uma das questões a que o autor se vê obrigado a clarificar na sua obra teórica mais recente é porque não ocorreu a alteração de valores materialistas para pós-materialistas em alguns casos, como previsto em *Silent Revolution* (ver Figura 7).

Figura 7: Tipo de valor por faixa etária, entre os públicos da Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica e Países Baixos em 1970.

Fonte: Inquérito da Comunidade Europeia em fevereiro de 1970.



Fonte: Inglehart, R. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World*. Cambridge: Cambridge University Press (p.26).

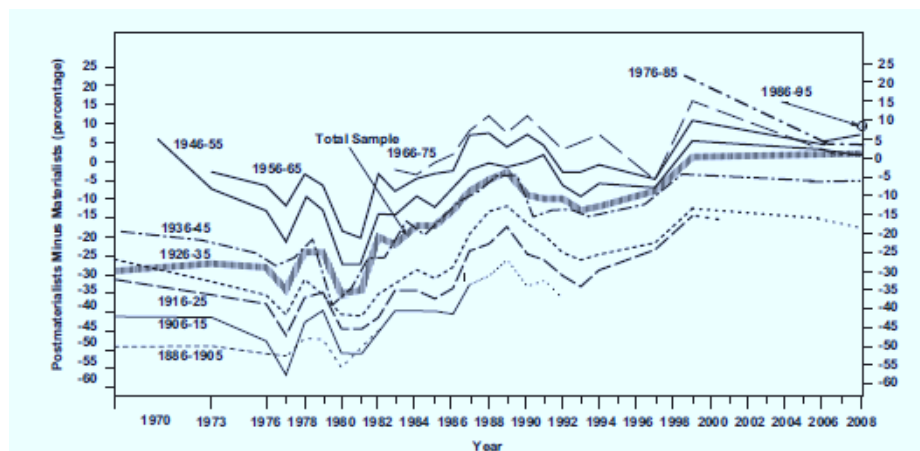
Em resposta a esta e outras dúvidas levantadas por críticos e seguidores, o autor sugere uma resposta que designa como “evasões transversais” das décadas posteriores a 1978, insistindo em que se deu uma mudança nas motivações registadas e que esta se deu predominantemente através da substituição intergeracional.

Na sua obra teórica mais recente, *Evolução Cultural*, o autor volta a abordar a questão que muitos dos seus críticos tinham colocado: se, de facto, esta mudança se deve à mudança na fase da vida (*life-cycle events*) ou só ao efeito coorte. Segundo o autor, se esta mudança se devesse à mudança da fase da vida notaríamos uma redução no número de pós-materialistas e um aumento da quantidade de materialistas ao longo da vida, pois os valores pós-materialistas presentes nos jovens ir-se-iam perdendo à medida que estes se tornassem mais velhos e, assim, por sua vez, mais materialistas.

Todavia, não são esses os resultados obtidos pelos seus inquéritos, bem pelo contrário: demonstram que a proporção de cidadãos “pós-materialistas” se manteve constante, mesmo quando temos em consideração o envelhecimento dos indivíduos. Inglehart conclui que ocorreu um deslizamento (*shift*) de valores da sobrevivência e da expressividade (dicotomia que substituiu o par materialismo/pós-materialismo nas últimas duas décadas) (ver Figura 8).

Figura 8: Análise de coorte: Percentagem de pós-materialistas menos percentagem de materialistas em seis países da Europa Ocidental (Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica e Países Baixos), 1971- 2009.

Os dados de 1970 a 1997 são provenientes de inquéritos Eurobarómetro; os dados de 1999, 2006 e 2008-2009 são provenientes do *European Values Study/ World Values Survey*.



Fonte: Inglehart, R. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World*. Cambridge: Cambridge University Press (p.28)

Afirma mesmo que os resultados são conclusivos, ainda que precisemos de ter em conta eventos periódicos, como crises. Inglehart admite que a sua teoria deve incorporar os eventos que diminuem a segurança existencial, nomeadamente recessões económicas, que empurram as gerações de volta ao “materialismo” ou às preocupações com a sobrevivência, como resposta aos eventos em causa.

Mas o autor é basicamente “otimista” sobre a exatidão das suas previsões. Depois de passadas estas crises, com a recuperação económica, Inglehart prevê que os valores voltarão ao que eram anteriormente, fazendo com que, a longo prazo, tais eventos não tenham grande influência.

Consequentemente, os efeitos periódicos (*period effects*) não têm impacto duradouro: as coortes mais jovens permanecem relativamente pós-materialistas apesar das flutuações a curto prazo, e durante um período de quatro décadas não há uma tendência geral para que os membros das coortes de nascimento se tornem mais materialistas à medida que envelhecem.¹¹⁹

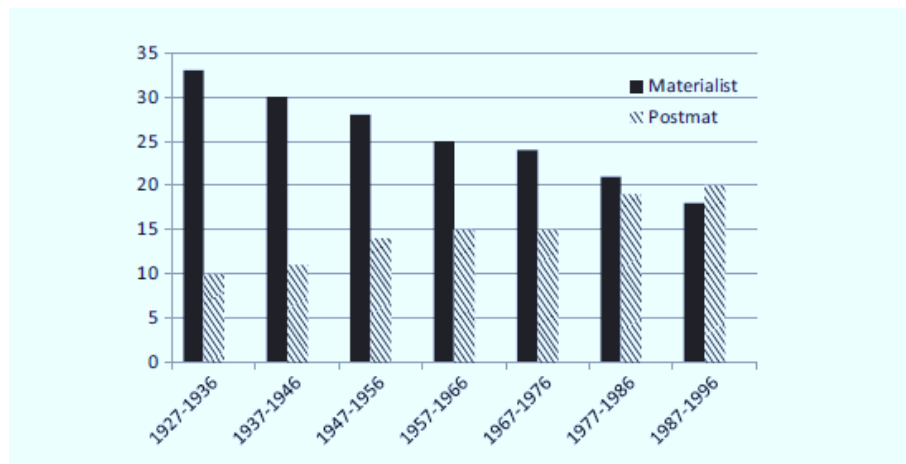
Como explica o autor, o atual *backlash* e a nova onda de apoio a líderes que traduzem o que recentemente se começou a denominar de “reflexo autoritário”? Segundo o autor, o crescimento económico recente tem sido lento e tem havido um crescente aumento na *desigualdade social*. A maior parte da população Ocidental tem vivido com um rendimento (*real income*) estagnado ou mesmo em declínio. É este fenómeno, segundo ele, que faz com que as gerações atuais sejam menos “pós-materialistas” ou “expressivistas” do que as gerações pós-guerra.

O autor nota ainda que, neste momento, há alguma perda do impacto da substituição intergeracional. Mais: outros fatores ainda passaram a ter uma maior importância no desenho da evolução de valores. Segundo Inglehart, em 2000 os pós-materialistas eram já ligeiramente mais numerosos que os materialistas, mas tal pode dever-se a um enviesamento dos inquéritos, visto que, normalmente, os pós-materialistas tendem a estar concentrados entre os estratos que se encontram mais seguros, cultos e capazes de articular as suas preferências, pois tiveram uma melhor educação.

Tal facto, espera, verificar-se-á tanto no Ocidente como noutras áreas do globo em vias de transição. Em concreto, aponta exemplos da América Latina (ver Figura 9).

¹¹⁹ Ibid, 28.

Figura 9: Valores materialistas vs. valores pós-materialistas por coorte de nascimento, em oito países da América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Peru e Uruguai, 2005- 2012).



Fonte: Inglehart, R. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World*. Cambridge: Cambridge University Press (p.32).

Inglehart está obviamente ciente de que estas mudanças não ocorrem de igual forma em todo o globo, mas os mapas perceptuais que construiu para representar os resultados dos seus inquéritos periódicos mostram uma tendência clara (ver Figura 10).

Segundo o autor, há uma clara correlação entre indivíduos que vivem em sociedades com grandes rendimentos e uma maior concentração nas respostas que revelam valores de secularização/racionalista e em valores de expressão individual. Pelo contrário, e como seria de esperar, os indivíduos de sociedades com menor rendimento obtêm pontuações menores no que toca aos valores referidos, dando mais importância a valores tradicionais e a valores de sobrevivência.

Inglehart afirma também que, com base nos dados que obteve, as sociedades com um rendimento médio tendem a ficar colocadas numa zona intermediária.

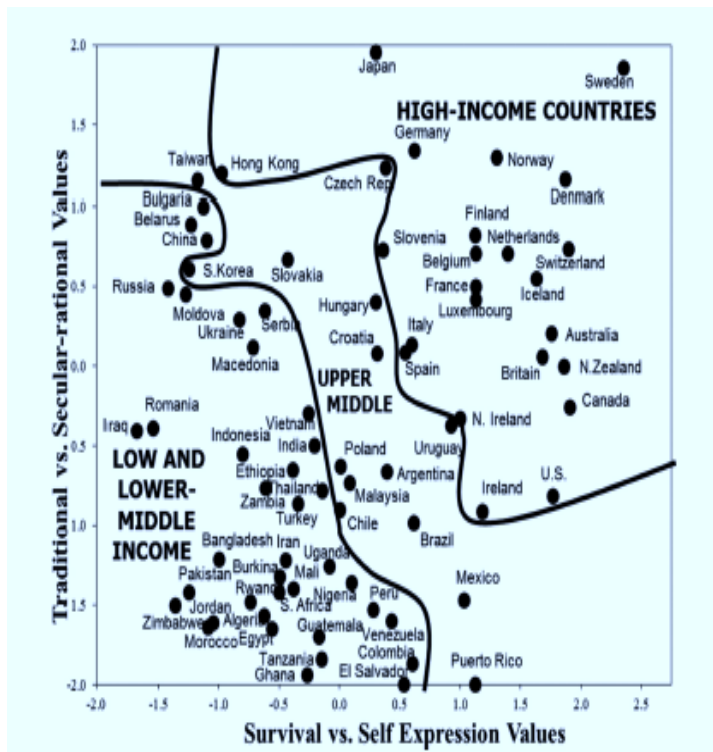
Apesar de haver uma conexão entre a modernização económica e a secularização, Inglehart não acredita que a religião/crença religiosa vá desaparecer num futuro próximo. Tal afirmação é sustentada pelas seguintes razões (todas acidentais): em primeiro lugar, a secularização reduz o *ratio* de fertilidade, que se mantém alto nos países fortemente religiosos; em segundo lugar, o autor acredita que, embora as instituições de autoridade religiosa tenham perdido a sua força, um mundo em contínuo crescimento intelectual traz um maior interesse por questões mais profundas e prevê que uma nova versão da religião que permita liberdade

e autonomia individual pode vir a ter sucesso; em terceiro lugar, podemos esperar que as recentes crises económicas a nível global prejudiquem a segurança existencial, levando a um retorno à ênfase na religião; por último, a religião tem um papel na vida individual: ter um sistema de crenças claro é propício à felicidade.

Podemos dizer que o modelo de Inglehart é mais matizado e subtil que as variedades habituais da teoria da modernização, mas é igualmente universalista (ou se quisermos, para usar a expressão dos críticos, “imperialista”).

Figura 10: Valores materialistas vs. valores pós-materialistas por coorte de nascimento, em oito países da América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Guatemala, México, Peru e 75 países em duas grandes dimensões de valor, por nível de desenvolvimento.

Fonte: Dados dos Inquéritos de Valores (data mediana do inquérito 2005); nível económico baseado nas categorias de rendimento do Banco Mundial a partir de 1992.d Uruguai, 2005- 2012).



Fonte: Inglehart, R. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World*. Cambridge: Cambridge University Press (p.41).

Balanço

Inglehart justifica o atual “*backlash*” e o “reflexo autoritário” com um crescente aumento da desigualdade, com várias dimensões, mas sublinha principalmente a desigualdade socioeconómica. A estagnação ou decréscimo do “*real income*” tem vindo a tornar as gerações atuais menos pós-materialistas ou expressivistas que as que se seguiram ao pós-guerra.

Este fenómeno, juntamente com a perda do impacto da substituição intergeracional, leva a um reflexo autoritário que é caracterizado pelo voto em partidos que tentam manter a ordem e a estabilidade sociopolítica. Há, assim, um retorno, pelo menos em parte, do interesse por políticas mais tradicionais com foco na nação e nos seus cidadãos e uma menor tolerância para com os “*outsiders*”.

Conclusão

Inicialmente, foi apresentado o problema em foco nesta dissertação como o problema do “possível” retorno de uma primazia de valores a que Inglehart inicialmente chamou de materialistas – valores estes que levam a que os indivíduos que os partilhem tenham tendência a apoiar medidas, quer sociais quer políticas, que visam proteger/manter/garantir a segurança social, económica e a paz política. A primazia destes valores leva, segundo a versão mais recente do modelo estudado, a fenómenos de intolerância e, por vezes, até mesmo retrocessos no processo de “democratização”. A teoria do autor, apesar de formulada num contexto muito específico do século passado, parece trazer consigo um grande valor quer explicativo quer predicativo e continua, por isso, a ser relevante.

Resumidamente, segundo Inglehart, quando determinada sociedade passa por períodos prolongados de prosperidade socioeconómica, tal conduzirá a um aumento daquilo que o autor refere como sentimento de segurança existencial e, por consequência, a uma mudança de valores predominantes na sociedade.

Obviamente, sumarizar a sua teoria desta forma deixa de parte muitos dos pormenores importantes. A título de conclusão, é, pois, importante começar por referir que se optou por estudar apenas uma parte da obra de Inglehart. O ponto de partida foi o estudo da sua obra de 1977, *Revolução Silenciosa*, e o ponto de chegada é a obra de 2018, *Evolução Cultural*. As obras em análise nesta tese defendem uma versão da teoria da modernização, ou melhor, uma variante que se distingue daquela. É sobretudo essencial ter em consideração que a obra inicial deste teórico político e sociólogo tem hoje mais de quarenta anos e que os contextos e os sistemas políticos, entre outros fatores e variáveis, sofreram alterações imensas. Tendo isto em mente, parece necessário fazer uma recapitulação das aquisições que fomos fazendo em cada capítulo antes de avançar com um programa exploratório do caso da Europa Central e de Leste no futuro.

O modelo básico e os seus críticos

Num primeiro capítulo foi feita uma explicação do modelo da teoria de Inglehart e de alguns dos seus principais conceitos. O autor defende que há uma dicotomia de valores entre duas gerações distintas: uma que viveu tempos de instabilidade social/económica /física e outra que sempre teve essa segurança como garantia (a geração do pós-guerra). Os primeiros foram denominados por Inglehart como “materialistas”, pois davam primazia a considerações económicas e de segurança, que explicam a sua maior dificuldade em aceitar quem viesse de “fora”.¹²⁰ Os segundos, denominados por Inglehart como “pós-materialistas” revelariam uma maior abertura no que toca à aceitação dos de “fora”. Tais mudanças fizeram com que houvesse também uma alteração na atitude face ao governo, passando de uma “*elite-directed*” para uma “*elite-challenging*”. Inglehart previu um aumento das “*political skills*” dos indivíduos, assim como a perda da importância de políticas de nível nacional e patriótico, o desinteresse de gerações mais jovens pelo “tradicional” e curiosidade pelo internacional. Pareceu-lhe inevitável que houvesse uma alteração nas formas de ação e de tomada de decisão política e uma mudança no “público alvo” dos partidos políticos. Inglehart vai mais longe e afirma que esta mudança trouxe alterações/redefinição da identificação com o espectro político de esquerda/direita, assim como um possível realinhamento nas bases sociopolíticas.

No capítulo seguinte, apresentamos algumas das críticas mais imediatas à obra. Algumas afirmam que a mudança que Inglehart prevê é irreal ou que só se daria décadas depois. Outros questionam se realmente o fenómeno se deve a uma mudança intergeracional ou a eventos de “*life-cycle*”. Outros proclamam que Inglehart se limitou a constatar uma tendência sem considerar fenómenos que pudessem interagir/modificar a mesma.

Num terceiro capítulo expusemos de que forma, a nosso ver, Inglehart responde antecipadamente a algumas das mais sérias objeções à sua teoria e de que forma ele considera os mecanismos de mudança política. Defendemos que a sua análise procede sem simplismos à análise das “atitudes face ao sistema político”, sem se expor às críticas referidas. Existe, é certo, em determinados casos, certa dificuldade em determinar os valores que têm significado real e aqueles que são apenas “ruído” (*noise*). Este “ruído” é visível, sobretudo, nas variações a curto prazo. Mas mesmo assim, os pós-materialistas tendem a demonstrar

¹²⁰ Inglehart. (1977). *Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics* (334) e todo o cap. 12.

níveis de satisfação sociopolítica mais baixos que os seus contemporâneos materialistas e, por outro lado, demonstram um maior “potencial revolucionário”.

O Balanço de quarenta anos de pesquisa e debates

Seguidamente, fizemos uma tentativa de balanço dos 40 anos de investigação e recolha empírica e explicamos o que, a nosso ver, levou Inglehart a fazer significativas alterações na sua teoria, nomeadamente a redefinição dos dois conceitos fulcrais nas suas obras anteriores: o conceito de materialismo e de pós-materialismo. Apresentamos também as críticas dominantes, em especial a de Scott Flanagan. Questionamos e tentamos também responder às razões pelas quais a mudança parece persistir/ter persistido durante as últimas quatro décadas.

No início, Inglehart faz apelo às experiências formativas de cada coorte ou geração, que considera mais importante que o nível de instrução ou as mudanças no decurso da vida. Mas como aplicar esta diversidade de experiências às sucessivas gerações do pós-guerra? Parece-nos importante reconhecer a relevância da substituição intergeracional como essencial na “revolução” explicada e prevista por Inglehart.

A Evolução Cultural

Nos capítulos finais, tomamos como ponto de partida uma das obras mais recentes do autor e apontamos as diferenças entre a teoria de Inglehart e as “restantes” teorias da modernização, indicando a sua explicação do fenómeno a que chama “reflexo autoritário”.

Podemos sumarizar os principais traços distintivos da sua teoria como segue: 1) a sua teoria é somente probabilística e não determinística; 2) a sua teoria, apesar de considerar o peso das componentes económicas na mudança de valores, não as considera nem como únicas nem como tendo um papel direto na transformação. Para Inglehart as componentes económicas afetam *indiretamente* os níveis de segurança existencial de cada individuo e só assim afeta o seu sistema de valores. As condições económicas continuam a ser catalisador da mudança, mas não constituem o único catalisador. Alguns outros elementos que também desempenham o papel de catalisadores são os níveis educacionais, a cultura e as instituições da sociedade.

Tentamos expor também a visão do autor sobre as fontes do atual “*backlash*” ou a recente onda de apoio a partidos radicais ou extremistas. A principal razão não parece ser, como inicialmente defendia, a real falta de segurança física e económica, mas sim uma crescente e cada vez mais acentuada discrepância do “salário real”, que se encontra estagnado ou em alguns casos até mesmo em declínio. O ressurgimento em força dos valores materialistas (ou de sobrevivência) explicar-se-ia agora pelo sentimento de desigualdade social.

Um olhar na perspectiva da filosofia política: entre Thomas Hobbes e John Stuart Mill

Parece-nos imprescindível, apesar de quase que “*self-evident*”, constatar que os conceitos de segurança e de tolerância e expressão individual têm uma longa história. Chamemos, ao primeiro, o problema de Thomas Hobbes e, ao segundo, o problema de Stuart Mill.

Inglehart tenta apresentar a história recente como uma luta perene entre duas visões da sociedade: uma que podemos descrever como alinhada com Hobbes, que vê na base da sociedade a necessidade de segurança, e outra, alinhada com Mill, que sublinha a autoexpressão da individualidade.

No entanto, parece que a transição entre estas duas visões abrandou nos últimos anos, por várias razões como a crescente desigualdade de rendimentos, o aumento dos fluxos migratórios que advêm de crises políticas ou de ambientes de guerra, entre outras. Tais razões levaram ao que Inglehart chama “reflexo autoritário”: quem se sente inseguro prefere políticas mais rígidas, cuja base é a defesa do estado-nação, defende a exclusão de migrantes e o fecho de fronteiras.

Pistas da teoria de Inglehart para o estudo de caso da Europa central e de Leste?

A evolução recente da teoria de Inglehart é, em boa parte, uma tentativa de explicar a igualmente recente inversão da tendência que a teoria previa. Esta inversão não se limita à Europa. O crescimento do peso de movimentos que até há poucos anos eram marginais nas democracias consolidadas é evidente nos EUA, Canadá, em alguns países da América do Sul, etc. Este crescimento foi surpreendentemente rápido. Como é que Inglehart conjuga esta explicação com a sua hipótese inicial de que a mudança de valores se dá por lenta substituição de gerações?

O caso específico da Europa de Leste merece uma especial atenção. Por um lado, são referidos com frequência como exemplo do sucesso de movimentos nos extremos do sistema político os casos da Hungria, Polónia, Lituânia, etc. Por outro lado, a evolução de valores deu-se de modo muito diferente à dos países do Ocidente europeu, devido à sua inclusão no mundo comunista.

As diferenças de valores entre o Ocidente Europeu e o Leste Europeu, entre o Norte e o Sul da Europa, parecem, à primeira vista, escapar à teoria. A diferente ênfase nos valores entre sobrevivência e autoexpressão nestas diferentes áreas geográficas deve ser explicada por razões diferentes das usuais explicações económicas e sociais.

Fazendo uma leitura esquemática (e talvez até simplista), vemos que uma Europa Ocidental e do Sul, economicamente estagnada, revela mais receptividade às minorias (judias ou muçulmanas) que uma Europa em acelerado crescimento económico a leste e no centro (em que a pujante Alemanha se situa a meio da escala). Por outro lado, países ricos e abertos, como a Holanda ou a Áustria, têm revelado um apoio político significativo a movimentos políticos que parecem surgir do “reflexo autoritário”.

O caso da Europa Central e de Leste pode, pois, servir de cenário contrafactual. Não queremos aqui apresentar nenhuma hipótese, mas apenas indicar que há uma perplexidade ou surpresa que deve levar a estudos mais atentos—e, eventualmente, a enriquecer a teoria.

Existem duas questões em causa: o que motiva o apoio a grupos autoritários em países com grandes rendimentos? E por que razão este apoio é mais forte hoje do que há duas décadas? Inglehart afirma que “dois fatores são imediatamente óbvios. O primeiro é o declínio do salário real e a crescente desigualdade económica que muitas das principais autoridades nesse campo enfatizaram.”¹²¹ Identifica ainda um “segundo fator que leva a uma mudança a longo prazo em direção a um populismo autoritário é igualmente óbvio: a imigração sem precedentes para países com salários elevados.”¹²²

Quando Inglehart muda sucessivamente a terminologia, altera também a teoria. Aquilo a que chama, inicialmente, valores burgueses, depois “materialistas” e, finalmente, de sobrevivência parecem

¹²¹ Inglehart. (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World* (185).

¹²² *Ibid*, 185.

corresponder ao problema de Hobbes que mencionámos: como podem os indivíduos obter segurança e evitar a luta de todos contra todos. Aquilo a que chama valores pós-burgueses, pós-materialistas e, finalmente, de expressão individual parecem corresponder ao problema de Stuart Mill: como assegurar o máximo grau de individualidade. Mas os indicadores que medem estes conceitos foram gradualmente mudando e o próprio conteúdo das “experiências formativas” é muito diferente se nos referimos ao perigo físico da II Grande Guerra da geração de 1930-45 ou à precariedade laboral e desemprego da geração que viveu a crise financeira.

A teoria de Inglehart pretende, inicialmente, explicar uma tendência na evolução das prioridades individuais suscetível de transformar a relação das gerações mais jovens com a elite governante. À medida que a teoria se expande e passa a tentar explicar mais que um fenómeno específico do Ocidente contemporâneo no pós-guerra e tenta explicar uma tendência universal, acaba por se tornar numa versão abrangente, ainda que subtil, da teoria da modernização. Aproxima-se, pois, a passos rápidos do que sempre recusou nos seus debates com Flanagan.

Inglehart tinha descartado a descrição da mudança de valores a que se assistia como uma eterna oposição entre autoritarismo e libertarismo que, como dizia Flanagan, encapsularia todo o progresso ao longo da história humana, e nela "uma progressão linear contínua do teísmo medieval, através do modernismo para o pós-modernismo"¹²³. Por exemplo, à medida que a teoria de Inglehart se expande à América do Sul e prevê a liberalização da China e a aproximação do Leste ao Ocidente Europeu, quando este se desenvolver economicamente, a teoria ganha em ambição pagando o preço de se tornar também invulnerável à crítica e impossível de falsificar (nos termos popperianos). Não há nenhum dado, inversão de tendência, diferenças de sentido que possam desmentir a teoria.

Será que continua a proporcionar o interessante programa de pesquisa que fez da sua teoria inicial, como disse Gabriel Almond, “um dos poucos exemplos de previsão bem-sucedida em ciência política”¹²⁴?

¹²³ Flanagan & Lee. (2003). *The New Politics, Culture Wars, and The Authoritarian-Libertarian Value Change in Advanced Industrial Democracies*. (237).

¹²⁴ É como vimos o comentário de Gabriel Almond na obra de Inglehart: Inglehart, R. (1990). *Culture Shift in Advanced Societies*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

BIBLIOGRAFIA

- Abramson, P.R. (1997). Probing Well Beyond the Bounds of Conventional Wisdom. *American Journal of Political Science* 41 (April), 675-682. Consultado em maio 18, 2020, em <https://www.jstor.org/stable/2111782>.
- Abramson, P.R. (2011). Critiques and Counter-Critiques of the Post-materialism Thesis: Thirty-four Years of Debate. UC Irvine: Center for the Study of Democracy. Consultado em maio 18, 2020, em <https://escholarship.org/uc/item/3f72v9q4>.
- Aron, R. (1968). *La Révolution Introuvable*. Paris: Gallimard, (trad. portuguesa como *A Revolução Inexistente*) Lisboa: Bertrand, 1971.
- Böltken, F., & Jagodzinski, W. (1985). In an Environment of Insecurity: Postmaterialism in the European Community, 1970 to 1980. *Comparative Political Studies* 17 (January), 453-484.
- Colen, J. (2010). *Futuro do Político, Passado do Historiador*. Lisboa: Moinho Velho.
- Colen, J. e Nelson, S. (2015) "Theory, History, Philosophy: The Primacy of the Political". In: Colen, J. e Dutartre-Michaut, *The Companion to Raymond Aron*, New York, Palgrave.
- Dalton, R. (2008). *Citizens Politics: Public Opinion and Political Parties in Advanced Industrial Democracies* (5th ed.). Wasington, D.C.: CQ Press.
- Dahl, R. (1971). *Polyarchy: Participation and Opposition*. New Haven: Yale University Press.
- David L. Epstein, Robert Bates, Jack Goldstone, Ida Kristiansen e Sharyn O'Halloran, "Democratic transitions", *American journal of political science*, vol. 50, n° 3, Jul 2006, Apêndice, 26-27.
- Dimitras, P. (1978). The Silent Revolution. *Social Science*, 53(3), 179-180. Consultado em maio 18, 2020, em www.jstor.org/stable/41886289.
- Flanagan, S. C. (1979). Value Change and Partisan Change in Japan: The Silent Revolution Revisited. *Comparative Politics* 11 (April), 253-278.

- Flanagan, S C., & Lee, Aie-Rie. (2003). The New Politics, Culture Wars, and The Authoritarian-Libertarian Value Change in Advanced Industrial Democracies. *Comparative Political Studies* 36 (April), 235-270.
- Hobbes, T. (1651). *Leviathan, with selected variants from the Latin edition of 1668*, Indianapolis: Hackett, [ed. 1994].
- Inglehart, R. (1971). The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-industrial Societies. *American Political Science Review* 65 (December), 991–1017.
- , & Klingemann, H.D. (1976). Party identification, ideological preference and the left-right dimension among western mass publics. *In Party identification and beyond: representations of voting and party competition*, ed. Ian Budge, Ivor Crewe, and Dennis J. Farlie. New York: Wiley, 243-273.
- . (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- . (1982). Changing Values in Japan and the West. *Comparative Political Studies* 14 (January), 445-479.
- . (1985). New Perspectives on Value Change: Response to Lafferty and Knutsen, Savage, and Bøltken and Jagodzinski. *Comparative Political Studies* 17 (January), 485-532.
- , & Norris, P. (2003). *Rising Tide Gender Equality and Cultural Change around the World*. New York: Cambridge University Press.
- , & Welzel, C. (2005). *Modernization, Cultural Change, and Democracy: The Human Development Sequence*. New York: Cambridge University Press.
- . (2008). Changing values among western publics from 1970 to 2006. *West European politics*, 31(1-2), 130-146.
- . (2018). *Cultural Evolution: People's Motivations are Changing, and Reshaping the World*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kaase, M., & Newton, K. (1995). *Beliefs in government* (Vol. 5). OUP Oxford.

- Kesselman, M. (1979). The Silent Revolution. *The American Political Science Review*, 73(1), 284-286. Consultado em Maio 18, 2020, em <https://www.jstor.org/stable/1954818>.
- Kriese, P.(1978). The Silent Revolution. *Social Science Quarterly*, 59(2), 413-414. Consultado em maio 18, 2020, em www.jstor.org/stable/42860363.
- Lafferty, W.M., & Knutsen, O. (1985). Postmaterialism in a Social Democratic State: An Analysis of the Distinctiveness and Congruity of the Inglehart Value Syndrome in Norway. *Comparative Political Studies* 17 (January), 411-430.
- Liphart, A. (2012). *Patterns of Democracy: Government Forms and Performance in Thirty-six Countries*. New Haven: Yale University Press.
- Lipset, S.M. (1960). *Political Man; the Social Bases of Politics*. Garden City, N.Y: :Doubleday.
- Maslow, A. (1943). A Theory of Human Motivation, *Psychological Review*, Vol. 50 N.4, 370–396.
- Mill, J.S. (1859). *On liberty*. London: John W. Parker and Son.
- Miller, K. (1978). The Silent Revolution. *The Journal of Politics*, 40(3), 801-803. Consultado em Maio 18, 2020, em www.jstor.org/stable/2129874.
- Morse, E. (1978). The Silent Revolution. *Foreign Affairs*, 56(2), 442-443. Consultado em Maio 18, 2020, em <https://www.jstor.org/stable/20039864>.
- Moyser, G. (1978). Political Culture and Political Change in Western Europe and the USA: An American Perspective. *Government and Opposition*, 13(4), 497-509. Consultado em maio 18, 2020, em <https://www.jstor.org/stable/44482298>.
- Mudde, C. (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Mudde, C. & Kaltwasser, C. (2017). *Populism*, Oxford: Oxford University Press.
- Newkirk, M. (1978). The Silent Revolution. *The Public Opinion Quarterly*, 42(4), 568-569. Consultado em maio 18, 2020, em www.jstor.org/stable/2748381.
- Norris, P., & Inglehart, R. (2004). *Sacred and Secular: Religion and Politics Worldwide*. New York: Cambridge University Press.

- Norris, P, & Inglehart, R. (2009). *Cosmopolitan Communications: Cultural Diversity in a Globalized World*. New York: Cambridge University Press.
- Pasquino, G. (1978). The Silent Revolution. *Il Politico*, 43(1), 168-169. Consultado em maio 18, 2020, em www.jstor.org/stable/43208335.
- Przeworski, A. et alii. (2000). *Democracy and development*, New York, Cambridge Univ. Press.
- Rayside, D. (1978). The Silent Revolution. *Canadian Journal of Political Science / Revue Canadienne De Science Politique*, 11(3), 719-720. Consultado em maio 18, 2020, em www.jstor.org/stable/3231175.
- Rokeach, M. (1973). *The Nature of Human Values*. New York: Free Press.
- Savage, J. (1985). Postmaterialism of the Left and Right: Political Conflict in Postindustrial Society. *Comparative Political Studies* 17 (January), 431-451.
- Scarborough, E. (1995). Materialist-Postmaterialist Value Orientations. In: *Beliefs in Government*, Vol. 4: The Impact of Values, ed. Jan W. Van Deth and Elinor Scarborough. New York: Oxford University Press, 123-159.
- Verba, S., & Almond, G. (1963). *The civic culture: Political attitudes and democracy in five nations*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Weber, M. (1919). "Politics as Vocation" in *Weber's Rationalism and Modern Society*. New York: Palgrave MacMillan [ed. 2015].
- Welzel, C, & Inglehart, R. (2005). Liberalism, Postmaterialism, and the Growth of Freedom. *International Review of Sociology* 15 (March), 81-108.
- Wright, J. (1978). The Political Consciousness of Post-Industrialism. *Contemporary Sociology*, 7(3), 270-273. Consultado em maio 18, 2020, em www.jstor.org/stable/2064449.

ANEXOS

Certos indicadores devem ser tidos em consideração em análises futuras. As condições económicas dos países em causa, o nível de educação, continuam a ser essenciais para o estudo dos valores e da formas de intervenção política. O papel das diferenças sociodemográficas na aceitação de migrantes de países pobres de fora da Europa é patente. (ver Anexo 1) Mas é também visível que não proporcionam uma explicação suficiente para a dimensão e rapidez das mudanças a que nos referimos.

É tentador dizer que o *backlash* se deve principalmente à desigualdade de riqueza (embora já não a questões de pura sobrevivência como anteriormente era o caso). Quando olhamos para os dados das últimas décadas sobre desigualdade de rendimentos (o “crescimento da riqueza do 1%”) parece lógico pensar que as atitudes políticas devem estar relacionadas com esta tendência. (ver Anexo 2)

Gostávamos aqui de sugerir uma outra variável que deve ser incorporada na teoria. Ao longo das últimas décadas, mas em especial nesta última (2010-2020) o mundo assistiu a um crescente fluxo de migração e de pedidos de asilo, por várias razões, entre elas a guerra, a falta de condições económicas, e mesmo condições climáticas. (ver Anexo 3) Podemos supor que tais migrantes se deslocam, pois, não consideram as condições do seu país de origem como adequadas. Em investigações futuras devemos inquirir a crescente onda na importância dos valores materialistas está relacionada com este fenómeno migratório.

Passamos agora aos indicadores propriamente ditos, um deles, que nos parece intrinsecamente ligado aos valores pós-materialistas ou de autorrealização é o da tolerância.

Tolerância aqui, mais como aceitação (*acceptance*), neste caso de outras culturas, religiões e mesmo de orientação sexual. (ver Anexos 4, 5 e 6)

Pensamos ser importante voltar à terminologia e dicotomia usada anteriormente de esquerda/direita para lembrar que tendencialmente a direita é mais materialista/autoritária e a esquerda mais pós-materialista/libertária, como podemos ver no anexo 7. (ver Anexo 7) Tais constatações podem levantar várias questões, entre elas se tais fenómenos se devem a “apoios temporários ou transitórios” devido a alterações temporária (crises e guerras) que se traduz em votos pela direita ou a mudanças perenes? Uma análise valorativa, se assim a podemos chamar pode trazer uma resposta a esta questão.

Penso ser perceptível que o autoritarismo como o conhecemos atualmente tem certos casos onde sucede, onde anteriormente sistemas totalitários não o conseguiram, independentemente das razões para tal sucesso, penso que uma análise sob a perspectiva da Teoria de Inglehart pode vir a explicar o porquê de tais acontecimentos, ou seja, através de uma explicação que envolva questões valorativas. Valores que em muitos casos permitem que os novos regimes autoritários tenham especial controlo sobre os média ou um enfraquecimento crescente do pluralismo partidário.

É por vezes levantada outra questão que pode vir a ser respondida pela teoria de Inglehart, se o autoritarismo e os movimentos de direita se devem a uma manifestação normal da democracia e dos valores pós-materialistas, ou seja, se tais fenómenos são normais quando toleramos novas opiniões ou se devem ser vistos como fenómenos iliberais e desse modo fenómenos a combater. No entanto, entendemos que o mundo não tem meramente duas cores preto/branco e que não há respostas definitivas às várias questões futuras.

Pensamos ser também importante tentar perceber o problema atual, que algumas fontes indicam como a “década de decadência da democracia”. Fenómeno que é muito peculiar e que atualmente tem tido especial impacto nos países do Leste Europeu. (ver Anexos 7, 8 e 9.)

Assim sendo, a mudança de valores exposta por Inglehart pode vir a ser um elemento preditivo, não tão forte como o mesmo previu na década de 70, mas com um peso ainda significativo, no que toca ao surgimento de novos regimes tendencialmente de direita, com tendências iliberais e tendencialmente mais materialistas/autoritárias. E num mundo que continua em constante globalização fenómenos que coloquem em risco as liberdades e os direitos dos indivíduos de determinado país têm de ser tidos em consideração pois corremos o risco de sofrer com eles.

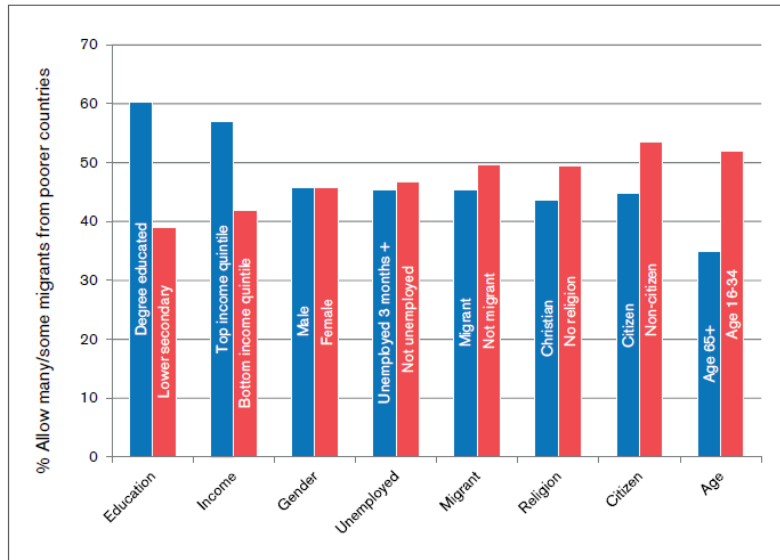
A típica demagogia populista e o “cavalgar na crise” são fenómenos cada vez mais comuns e cada vez mais sofisticados.

Uma nova análise destes fenómenos pode vir a trazer uma melhor explicação do seu “porquê” assim como um melhor entendimento das formas de lidar com eles, e por sua vez de reforçar as democracias atuais, principalmente aquelas que poderão estar mal equipadas para lidar com as crescentes ondas de populismo e autoritarismo.

Não estou a defender que o autoritarismo seja visto como um “vírus”, mas que seja visto como um fenómeno em crescimento e que cada vez mais é necessário que haja maior solidariedade democrática e mesmo um repensar dos princípios fundamentais da democracia moderna como forma de combater a crescente onda de autoritarismo e que só assim seja possível encontrar soluções que sejam viáveis.

Anexo 1

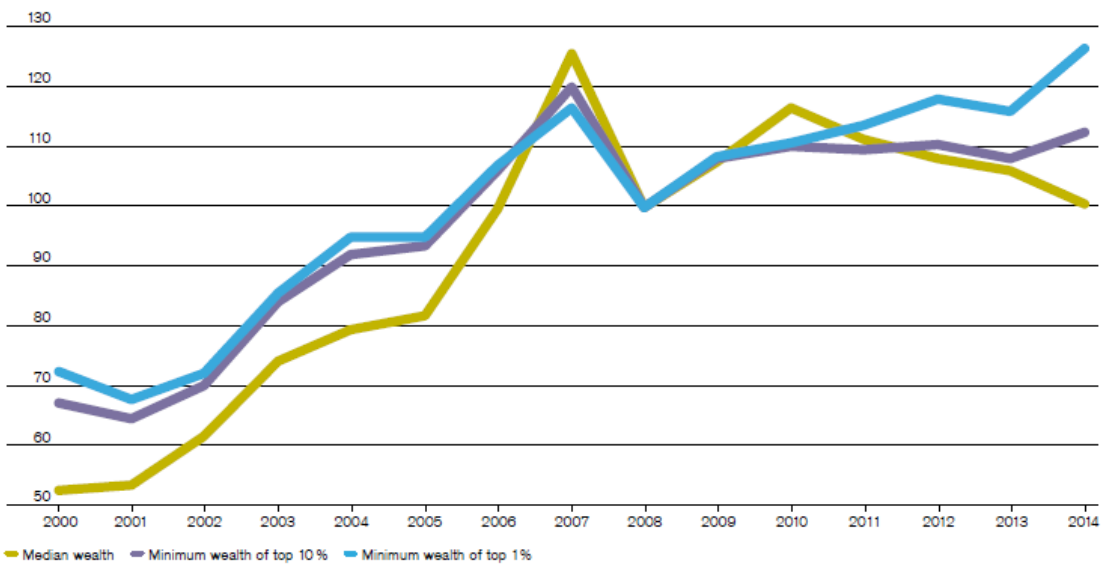
Anexo 1: Diferenças sociodemográficas na vontade de permitir (*willingness to allow*) muitos ou alguns imigrantes de países mais pobres fora da Europa (Fonte: European Social Survey Round 7, 2014)



Fonte: European Social Survey Toplines Findings 7, 2016.

Anexo 2

Anexo 2: Riqueza mínima de topo 50%, 10% e 1% dos detentores de riqueza global (ano base 2008 = 100)



Fonte: James Davies, Rodrigo Lluberas and Anthony Shorrocks, Credit Suisse Global Wealth Databook 2014

Anexo 3

Anexo 3: Uma década de deslocação (*Displacement*) 2010-2019



Fonte: Global Trends Forced Displacement in 2019 (UNHCR)

Anexo 4

Anexo 4: % de pessoas que afirmam estar dispostas a aceitar ___ (Muslims/Jews) como membros da sua família

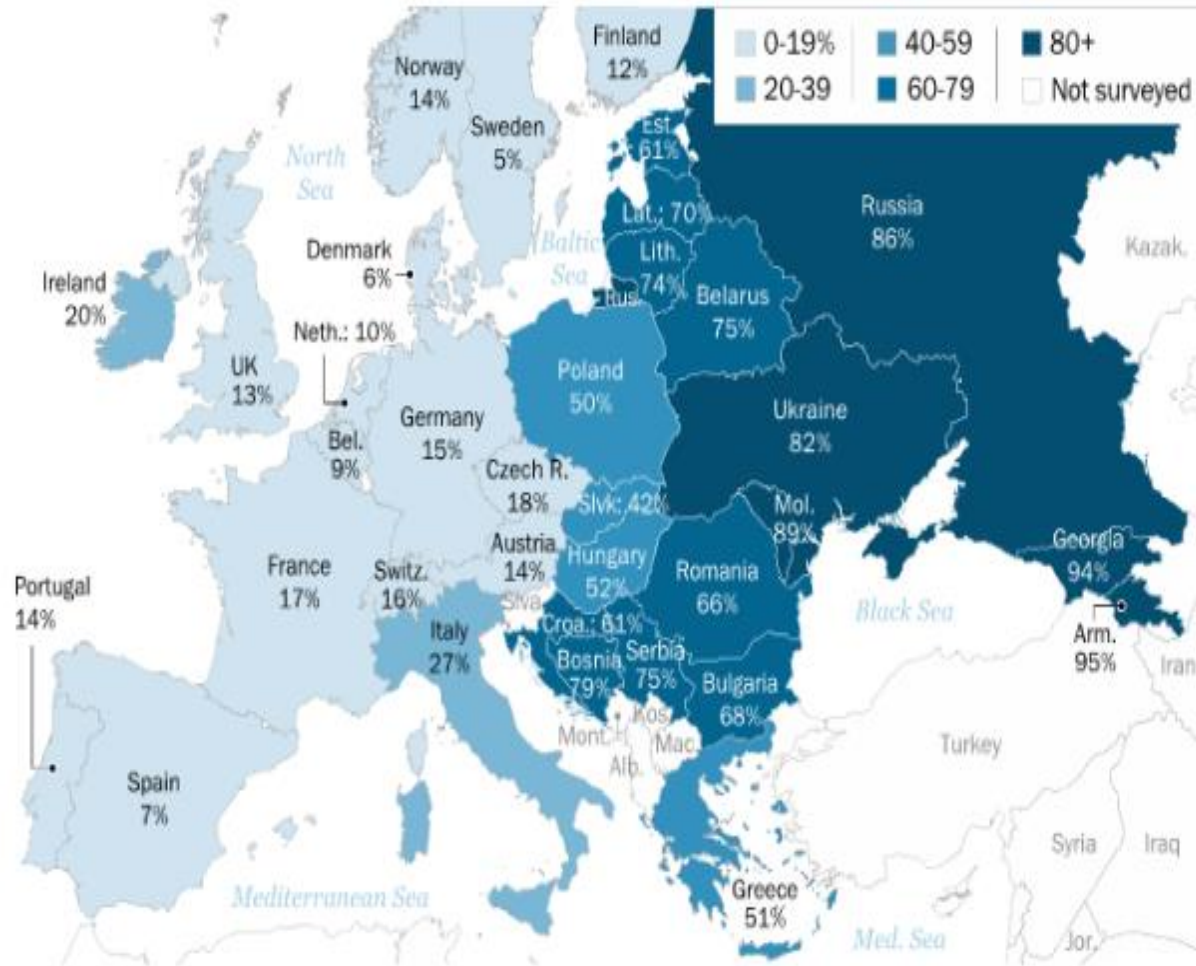


Fonte: Pew Research, Surveys conduzidas entre 2015-2017 em 34 países. (não foram questionados muçulmanos nem judeus)

Anexo 5

Anexo 5: Os jovens adultos da Europa Central e Oriental opõem-se amplamente ao casamento gay

% das pessoas com idades compreendidas entre os 18 e os 34 anos que afirmam opor-se/opor-se firmemente a permitir que gays e lésbicas se casem legalmente



Fonte: Surveys conducted 2015-2017 in 34 countries. See Methodology for details.

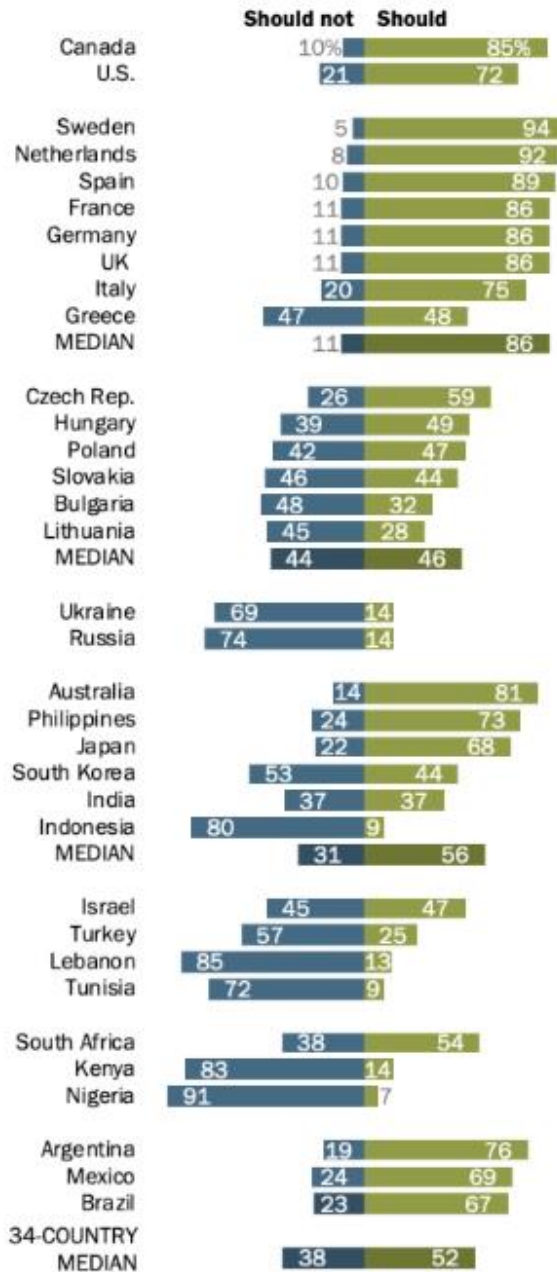
“Eastern and Western Europeans Differ on Importance of Religion, Views of Minorities, and Key Social Issues”

Pew Research Center

Anexo 6

Anexo 6: A aceitação da homossexualidade varia em todo o mundo

% de pessoas que dizem que a homossexualidade ___ (*should not/should*) ser aceite pela sociedade



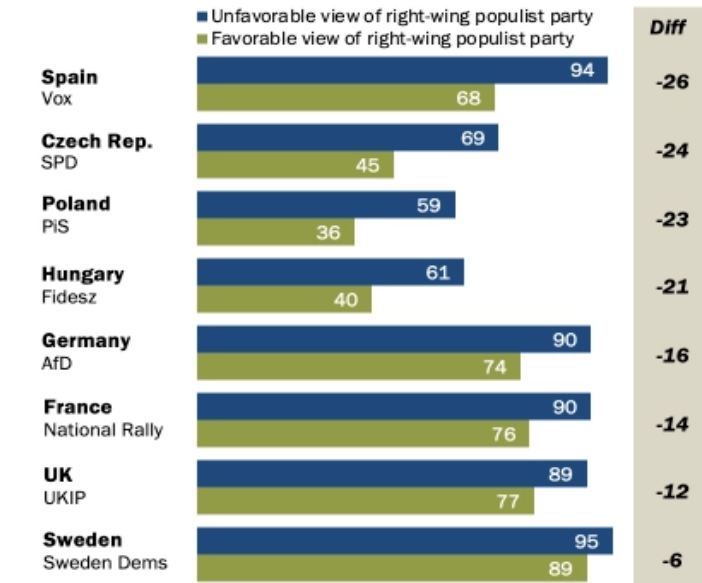
Note: Those who did not answer are not shown.
Source: Spring 2019 Global Attitudes Survey. Q31.

Fonte: Pew Research Center (The Global Divide on Homosexuality Persists) June 25, 2020

Anexo 7

Anexo 7: Pessoas com uma visão favorável dos partidos populistas de direita na Europa tendem a aceitar menos a homossexualidade

% de pessoas que dizem que a homossexualidade deve ser aceita pela sociedade entre aqueles que têm uma/uma ... (*unfavorable/favorable view of right-wing populism party*)

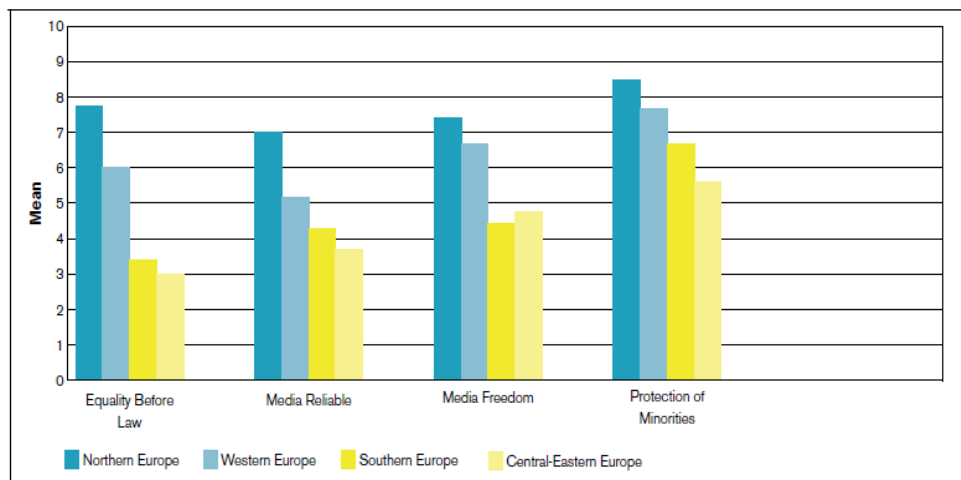


Note: Only statistically significant differences shown. For more information on European populist parties see Appendix B. UKIP was the largest UK party in the European Parliament prior to the 2019 elections. Many supporters and elected officials left to join the new Brexit Party in early 2019. The survey was fielded around the time the new party emerged and does not include a measure of attitudes toward the Brexit Party.
Source: Spring 2019 Global Attitudes Survey, Q31.

Fonte: Pew Research Center (The Global Divide on Homosexuality Persists) June 25, 2020

Anexo 8

Anexo 8: Avaliações médias da dimensão liberal da democracia (0-10), por região (Fonte European Social Survey Round 6, 2012)

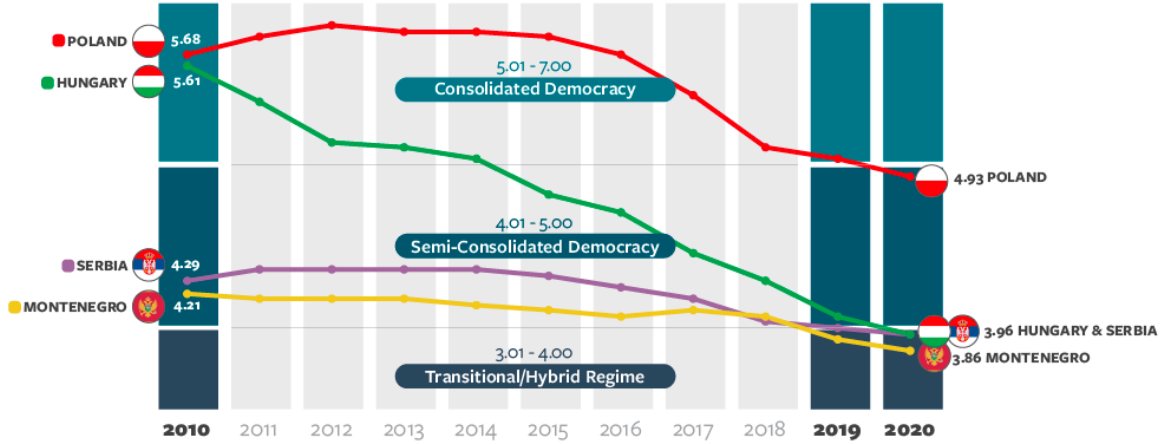


Fonte: European Social Survey Topline Findings 4, 2014.

Anexo 9

Anexo 9: Liderar o Declínio Democrático

A quebra do consenso democrático tem sido mais visível na Europa Central e nos Balcãs, que experimentaram os grandes ganhos após o fim da Guerra Fria.

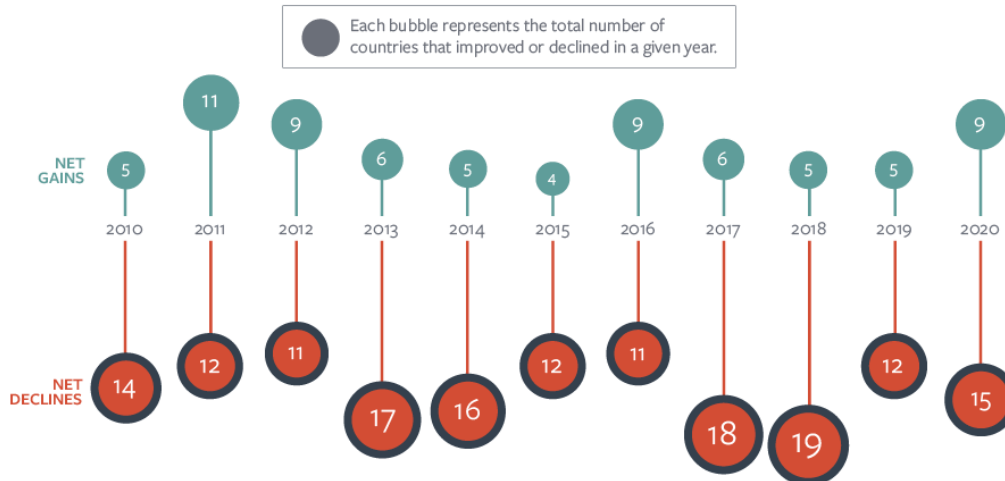


Fonte: Nations in Transit 2020 report by freedomhouse.org

Anexo 10

Anexo 10: Uma Década de Deficiências Democráticas

Os declínios líquidos nos Resultados da Democracia na Europa e Eurásia têm compensado consistentemente os ganhos líquidos nas últimas edições das Nações em Trânsito (*Nations in Transit*)



Fonte: Nations in Transit 2020 report by freedomhouse.org